

esec
ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO



INSTITUTO POLITÉCNICO
DE COIMBRA

Departamento de Educação

Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico

Educação em Sexualidade no 1º CEB: O que sabem as crianças e o que pensam as famílias

Marisa Alexandra Simões Cardoso

Coimbra, 2017

esec

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO



INSTITUTO POLITÉCNICO
DE COIMBRA

Marisa Alexandra Simões Cardoso

Educação em Sexualidade no 1º CEB: O que sabem as crianças e o que pensam as famílias

Relatório de Estágio de Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º
Ciclo do Ensino Básico apresentada ao Departamento de Educação da Escola
Superior de Educação de Coimbra para obtenção do grau Mestre

Constituição do Júri:

Presidente: Professora Doutora Fátima Neves

Arguente: Professora Doutora Ana V. Rodrigues

Orientadora: Professora Doutora Filomena Teixeira

Coimbra, 2017

Agradecimentos

À minha mãe, ao meu pai, à minha irmã e à minha afilhada pela presença, amabilidade e paciência que tiveram ao longo de todo o meu percurso académico, que permitiram chegar tão longe como pretendia.

À Professora Doutora Filomena Teixeira pela ótima orientação, amizade, apoio e tempo dedicado à correção deste Relatório Final.

Ao Mestre Philippe Bernard Loff por todos os conselhos amigos e apoio indispensável ao decurso do estágio em 1º CEB.

Ao grupo de crianças e às respetivas famílias do 1º CEB dos 3 e 4º anos de escolaridade pelo esforço, participação, carinho e por permitirem o desenvolvimento desta investigação.

Ao meu namorado que sempre me apoiou nos bons e maus momentos ao longo da minha formação, por todo o amor, compreensão e paciência que tens demonstrado, por me valorizares em todas as circunstâncias.

À minha grande amiga de infância, Joana Mendes e à minha prima, Catarina Azedo pela amizade, pelo apoio, pelos momentos de descontração e pelas palavras de consolo sempre que estava mais em baixo.

À minha colega e amiga, Mariana Dias, pela amizade e por todos os telefonemas e conversas de conforto ao longo desta investigação.

E, por último, às minhas colegas, Bárbara Novais e Inês Salgado, pela cooperação, ajuda, troca de ideias e ótimo trabalho que desenvolvemos juntas.

Relatório Final: Educação em Sexualidade no 1º CEB: O que sabem as crianças e o que pensam as famílias.

Resumo: O presente Relatório Final pretende apresentar o estudo realizado ao longo do Mestrado de Educação Pré- Escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico, em contexto de estágio curricular no 1º CEB, com uma turma de 10 alunos dos 3º e 4º anos. Reflete a experiência obtida através da implementação de um projeto de intervenção-investigação sobre sexualidade e reprodução humana. Esta investigação teve como principal objetivo auscultar famílias e crianças do 1º CEB acerca dos conhecimentos e dos diálogos existentes sobre sexualidade e reprodução humana. Desta forma, foram utilizados questionários tanto para as famílias como para as crianças antes e depois da intervenção em sala de aula realizada pela professora-investigadora. É importante que a sexualidade seja um conteúdo introduzido na educação de cada criança desde cedo, na escola, em articulação com as famílias. Conclui-se que as crianças possuem concepções acerca da sexualidade e reprodução humana, tendo-se registado, apesar da curta intervenção em sala de aula, alguma evolução na medida em que as crianças aprenderam e aprofundaram os seus conhecimentos tendo, ainda, despoletado momentos de conversa sobre o tema, tanto em casa como na escola.

Palavras-chave: Sexualidade; Reprodução Humana; Famílias; Crianças; 1º Ciclo do Ensino Básico.

Final Report: Education in Sexuality in 1st CEB: What children know and what families think

Abstract: This Final Report intends to present the study carried out during the Masters of Pre-School Education and 1st Cycle of Basic Education, in the context of curricular internship in the 1st CEB, with a class of 10 students from the 3rd and 4th year. It reflects the experience gained through the implementation of an intervention-research project on sexuality and human reproduction. The main objective of this research was to listen to families and children of the 1st CEB about the existing knowledge and dialogues on sexuality and human reproduction. In this way, questionnaires were used both for the families and for the children before and after the intervention in the classroom conducted by the teacher-researcher. It is important that sexuality is a content introduced in the education of each child from an early age, at school, in articulation with families. It is concluded that children have conceptions about sexuality and human reproduction, and in spite of the short intervention in the classroom there has been some evolution as the children have learned and deepened their knowledge, having also triggered moments of talk about it, both at home and at school.

Keywords: Sexuality; Human Reproduction; Families; Children; 1st Cycle of Basic Education

Sumário

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I – CONTEXTO E EMERGÊNCIA DA PROBLEMÁTICA.....	3
CAPÍTULO II – EDUCAÇÃO EM SEXUALIDADE E REPRODUÇÃO HUMANA	7
1. Enquadramento Legal.....	9
2. Enquadramento Curricular	11
3. Enquadramento Conceptual	12
3.1 Importância da Educação em Sexualidade na Escola.....	12
3.2 Envolvimento das famílias na Educação em Sexualidade.....	13
3.3 Conceitos de Sexualidade e Reprodução Humana	15
CAPÍTULO III - PRESSUPOSTOS E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	21
1. Contextualização	23
2. Sequência didática e recolha de dados	23
3. Análise de dados e apresentação dos resultados em relação às crianças.....	28
4. Análise dos dados e apresentação dos resultados em relação às famílias	40
5. Avaliação do projeto de intervenção-investigação.....	42
CAPÍTULO IV – CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	45
1. Conclusões do estudo	47
2. Limitações do estudo.....	52
3. Sugestões para futuros projetos de intervenção-investigação	52
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	55
APÊNDICES.....	59

Lista de Abreviaturas e de Siglas

CEB – Ciclo do Ensino Básico

NEE - Necessidades Educativas Especiais

OMS – Organização Mundial de Saúde

LBSE – Lei de Bases do Sistema Educativo

CNE – Conselho Nacional de Educação

A1M – criança número 1, do sexo masculino

A8F – Criança número 8, do sexo feminino

M2 – mãe do/a aluno/a número 2

P7 – pai do/a aluno/a número 7

Índice de Tabelas

Tabela 1 - Sequência didática desenvolvida ao longo do estudo	24
---	----

INTRODUÇÃO

“A curiosidade sexual da criança constitui uma base fundamental do seu desenvolvimento global” (Veiga, Teixeira & Couceiro, 2001, p.37). A educação sexual deve iniciar-se desde cedo na vida escolar da criança, no pré-escolar ou no 1º ano de escolaridade (Uslander & Weiss, 1997, p. 15):-

A sexualidade é um tema, ainda tabu, de que pouco se fala e quando se fala é a brincar, utilizando-se palavras inapropriadas. Continua a ser um conceito que deixa a sociedade incomodada. (Robert, 2006, p. 5).

As famílias têm um papel imprescindível na educação sexual das crianças. Como refere Pereira (2006, p. 50) “a criança necessita de encontrar na família, amor, carinho, segurança, e aprender com ela a respeitar os outros, aprender regras e perceber por que existem diretrizes que deve aceitar. A criança, ainda em tenra idade, precisa de entender o funcionamento do mundo que a rodeia encontrar nele o seu lugar (sentimento de pertença).” Para isso é importante que as famílias propiciem um ambiente favorável de modo a “clarificar conceitos e atitudes que são básicos para a construção de uma sexualidade saudável” (Cortesão, Silva & Torres, 2005, p. 44).

A sexualidade na infância tem muitos pontos em comum com a das pessoas adultas, nomeadamente na procura do prazer e da comunicação; conhecimento do seu corpo e do corpo dos/as outros/as. Daí a importância da precoce abordagem da sexualidade nas escolas. “Hoje, admitimos que a sexualidade se manifesta desde o início da vida e que se desenvolve, acompanhado o desenvolvimento geral do indivíduo e integrada no seu bem-estar biopsicossocial” (López & Furtes, 1999, cit. Marques, Vilar & Forreta, 2002, p. 41)

“Em educação sexual preconizamos a importância do recurso a uma prática pedagógica que apele à participação, iniciativa e desenvolvimento da consciência individual dos alunos, recorrendo a metodologias ativas favorecedoras do processo de

ensino/aprendizagem.” (Marques, Vilar & Forreta, 2002, p. 52). Um dos principais objetivos da implementação e desenvolvimento da educação em sexualidade no 1º CEB é garantir a participação dos/as alunos/as no processo de ensino e de aprendizagem, de forma a organizar a informação para que, a partir desta, consigam tirar conclusões.

Ao longo deste relatório serão apresentadas detalhadamente as fases do projeto de intervenção-investigação implementado numa turma mista de 3º e 4º anos, durante o período de estágio de Prática Educativa II. Este projeto foi desenvolvido com a cooperação de duas colegas, Bárbara Novais e Inês Salgado, que apoiaram e participaram nas tarefas realizadas em sala de aula.

O 1º capítulo debruça-se sobre os objetivos do estudo, as questões que estiveram na sua base, bem como as razões que motivaram o seu desenvolvimento.

O 2º capítulo apresenta uma breve abordagem conceptual acerca da legislação que envolve a educação em sexualidade e sua importância no 1º CEB, do currículo implementado nas escolas, do envolvimento das famílias, bem como dos conceitos de sexualidade e reprodução humana desenvolvidos com os/as alunos/as ao longo do estudo.





O 3º capítulo refere-se aos pressupostos e procedimentos metodológicos utilizados ao longo do estudo, mais especificamente o contexto onde foi desenvolvido, a sequência didática, a metodologia utilizada na recolha de dados, a análise dos dados tanto das crianças como das famílias e ainda a avaliação do impacto que o projeto de intervenção – investigação causou nos e nas intervenientes.

O último capítulo foca-se essencialmente nas conclusões do estudo e nas limitações que surgiram ao longo da sua implementação. Com a possibilidade de ocorrência de novos projetos de intervenção-investigação na área da sexualidade ficam ainda algumas sugestões.

CAPÍTULO I – CONTEXTO E EMERGÊNCIA DA PROBLEMÁTICA

O presente projeto aliou a emergência de abordar a sexualidade e reprodução humana desde o 1º CEB ao interesse que a temática sempre despertou à professora/investigadora, devido à ausência de informação ao longo de toda a sua infância, tanto a nível familiar como escolar. A escassez de informação acerca da sexualidade foi um aspeto observado ao longo dos estágios desenvolvidos nas diferentes valências, daí a motivação do estudo se debruçar no 1º CEB e nos conhecimentos prévios das crianças, auscultando o modo como foram abordados e por quem. Por outro lado, o interesse em perceber quais as aprendizagens antes e depois da implementação do projeto de intervenção, constituiu um dos principais enfoques desta investigação.

São objetivos do estudo:

-  Conhecer e analisar as concepções iniciais das crianças do 1º CEB;
-  Saber se existe diálogo dos/das pais/mães das crianças do 1º CEB sobre sexualidade e reprodução humana;
-  Implementar um projeto de intervenção em sala de aula com crianças do 1º CEB de modo a proporcionar-lhes conhecimentos científicos sobre sexualidade e reprodução humana, que possam contribuir para o esclarecimento das suas dúvidas.
-  Analisar a concordância ou discordância das famílias na abordagem do tema com crianças do 1ºCEB.

As questões que suportam esta investigação são: “Será que os/as pais/mães esclarecem as dúvidas aos/às seus/suas filhos/as acerca da sexualidade e reprodução humana de forma explícita?”, “Consideram importante que esta abordagem seja feita na escola, desde tenra idade?”

CAPÍTULO II – EDUCAÇÃO EM SEXUALIDADE E REPRODUÇÃO HUMANA

A abordagem da sexualidade e reprodução humana tem lugar numa área educativa, de carácter transdisciplinar, designada por “educação sexual.” Segundo, a Associação para o Planeamento da Família “a educação sexual é, em primeiro lugar, um direito das crianças, dos jovens, dos adultos e das famílias. O direito de terem acesso ao domínio das suas vidas sexuais” (Marques, Vilar & Forreta, 2002, p. 7)

1. Enquadramento Legal

O primeiro documento legal divulgado acerca da Educação Sexual, a Lei 3/84, de 24 de Março de 1984, sobre “Educação Sexual e Planeamento Familiar”, mencionava no artigo 1º “o direito à Educação Sexual como componente do direito fundamental à educação.” (ME/MS, 2000, p. 18)

Posteriormente, surgiram outros documentos e legislação sobre a educação sexual¹. Mais recentemente, a lei Nº 60/2009, de 6 de Agosto, regulamentada pela Portaria 196-A/2010 de 9 de abril, pretendeu instituir a aplicação da educação sexual nas escolas, definiu os objetivos da educação sexual e o enquadramento curricular e organizacional de uma forma mais explícita. Esta lei tem como principais enfoques desenvolver a educação sexual nas escolas da rede pública, privada e cooperativa com contrato de associação, do ensino básico e secundário, em todo o nosso país. Tal como refere Furlani (2011), as escolas que não fomentam a educação sexual conduzem a uma educação parcial dos/as alunos/as. As finalidades propostas e mencionadas no artigo 2º desta lei para a implementação da educação sexual são: “a valorização da sexualidade e afetividade entre pessoas no desenvolvimento individual; o desenvolvimento dos relacionamentos afetivo-sexuais dos jovens; a redução de consequências negativas dos comportamentos sexuais de risco; a capacidade de proteção face a todas as formas de exploração e de abuso sexuais; o respeito pela diferença entre as pessoas e pelas diferentes orientações sexuais; a valorização de uma sexualidade responsável e informada; a promoção da igualdade entre sexos; o reconhecimento da importância de participação no processo educativo de encarregados de educação, alunos, professores e técnicos de saúde; a compreensão científica do funcionamento dos mecanismos biológicos reprodutivos e a eliminação de comportamentos baseados na discriminação sexual ou na violência em função do sexo ou orientação sexual.” A Lei Nº 60/2009

¹ Designadamente a Lei Nº 46/86 – Lei de Bases do Sistema Educativo que refere a importância de a escola garantir educação sexual para todas as crianças, introduzindo conceitos científicos, incluindo a reprodução humana nos programas dos diversos níveis de escolaridade. Por outro lado, deu ainda realce à formação inicial e contínua de professores/as nesta área. Como é referido no ponto 2 do artigo 47 da LBSE o CNE levou a que a Educação Sexual estivesse incorporada na Educação Básica, em Portugal, tal como acontece com outros países. Mais tarde, surge a lei Nº 120/99 de 11 de Agosto que intensifica as *garantias do direito à saúde reprodutiva*, recorrendo a medidas destinadas à Educação Sexual, a melhores acessos ao planeamento familiar e aos métodos contraceptivos.

admite a educação sexual como uma dimensão da educação para a saúde, a ser abordada nas áreas curriculares não disciplinares. Porém, a educação sexual pode estar integrada na transversalidade das outras disciplinas dos currículos de cada ano de escolaridade. Atualmente, a educação para a saúde tem como base o conhecimento e identificação de comportamentos de risco, reconhecimento dos benefícios dos comportamentos adequados e a promoção de comportamentos de prevenção. A educação sexual e a educação para a saúde são duas modalidades incorporadas num mesmo conceito de abordagem permitindo a promoção da saúde física, psicológica e social.

A carga horária é um aspeto que deve ser adaptado aos diferentes níveis de ensino. No caso dos 1º e 2º ciclos do ensino básico, o tempo letivo disponível para a educação sexual não deve ser inferior a seis horas, repartidas equitativamente pelos três períodos do ano letivo.

A lei N°60/2009 atribui também a obrigatoriedade da inserção da educação sexual nos projetos educativos dos agrupamentos de escolas e de escolas não agrupadas. A elaboração do projeto educativo de escola deve recorrer à participação do conselho geral, das associações de estudantes, das associações de pais e dos docentes. Além deste, deve ainda ser formulado o projeto de educação sexual da turma, pelo diretor de turma, pelo professor responsável pela educação para a saúde e educação sexual e por todos os restantes professores incluídos na educação sexual.

Segundo a lei N°60/2009, cada instituição deve atribuir o cargo de professor-coordenador da educação para a saúde e educação sexual a um professor da comunidade educativa. É este que deve organizar toda a equipa interdisciplinar de educação para a saúde e educação sexual criada em cada instituição de ensino. A todos os intervenientes na prática da educação para a saúde e educação sexual é dada a oportunidade de formação, imprescindível às suas funções. Para cada turma deve existir um professor responsável pela educação para a saúde e educação sexual. Para que a implementação da educação para a saúde e a educação sexual seja mais sustentada, é indispensável a colaboração de profissionais de saúde referentes às unidades de saúde pública da comunidade local.

“Os encarregados de educação, os estudantes e as respetivas estruturas representativas devem ter um papel ativo na prossecução e concretização das finalidades da presente lei”, tornando possível o desenvolvimento da educação sexual de forma mais consistente (Lei Nº60, 2009). Todos os agrupamentos de escolas ou escolas não agrupadas devem garantir a participação dos/as pais/mães e encarregados/as de educação no planeamento da educação sexual.

A Portaria Nº 196-A de 2010 refere como conteúdos a abordar no âmbito da educação sexual, no 1º CEB, os seguintes: “a noção de corpo; o corpo em harmonia com a Natureza e o seu ambiente social e cultural; a noção de família; as diferenças entre rapazes e raparigas; a proteção do corpo e a noção dos limites, dizendo não às aproximações abusivas.” A incidência nos 3º e 4º anos de escolaridade, permite que o/a professor/a considere estes e outros assuntos a abordar, tais como, compreender a necessidade de proteger o seu próprio corpo, esclarecer dúvidas ou problemas de identidade de género, bem como garantir facilidade em pedir ajuda a quem mais confiam, sobretudo a família e/ou a escola.

2. Enquadramento Curricular

Segundo Tadeu da Silva (1995), citado por Teixeira (1999, p. 273) “O currículo é aquilo que nós, professores/as e estudantes, fazemos com as coisas, mas é também aquilo que as coisas que fazemos nos fazem. O currículo tem de ser visto nas suas ações (aquilo que fazemos) e nos seus efeitos (o que ele nos faz). Nós fazemos o currículo e o currículo faz-nos.”

A abordagem a qualquer tipo de temática deve adequar-se ao nível de desenvolvimento cognitivo, afetivo e social de cada pessoa. Deste modo, é importante ter presente que cada conteúdo deve ser introduzido no momento certo da aprendizagem de cada criança, sem que se tente avançar rápido demais às capacidades presentes. Tal como todas as aprendizagens “A educação sexual ... é um processo gradual, espontâneo e contínuo a

ser introduzido quando as crianças indiquem que estão preparadas,...” (Uslander & Weiss, 1997, p. 43)

No 1º CEB, os conteúdos programáticos relacionados com a sexualidade e reprodução humana inserem-se no Programa de Estudo do Meio, Bloco “À Descoberta de Si Mesmo”, no conteúdo “O Seu Corpo” (ME, 1990, p. 105-109). Assim, no 1º ano de escolaridade, apela-se à abordagem da identidade sexual e da diferenciação de sexo e género. No 3º ano de escolaridade, o estudo dos mecanismos da “Função Reprodutora/Sexual”, através da compreensão das funções vitais e dos órgãos do sistema reprodutor.

3. Enquadramento Conceptual

3.1 Importância da Educação em Sexualidade na Escola

A educação sexual como assunto integrante da escolaridade básica deve ter como finalidade o desenvolvimento das crianças, dando-lhes oportunidade para crescerem (Sampaio, 1987, p. 27). A educação sexual é uma das componentes do processo educativo global da criança (ME/MS, 2000, p.39).

A escola serve muitas das vezes de suporte às famílias no que diz respeito às dúvidas sobre sexualidade e reprodução humana, “apesar de, ainda hoje, a sexualidade e, logo, a educação sexual, serem temas que necessitam de um tratamento especial – porque envolvem tabus sociais importantes e porque se relacionam com a intimidade pessoal e familiar – os educadores e professores são frequentemente procurados pelos pais para obter apoio e alguma orientação” (Marques, Vilar & Forreta, 2002, p. 32).

Segundo Sampaio (1987, p. 23) “...defensores da educação sexual nas escolas apresentam os pais como demasiado envolvidos emocionalmente para serem capazes de fazer a educação sexual dos seus filhos nessa área, e pensam ainda que o sexo e a sexualidade são demasiado complexos para serem tratados apenas pelos pais, pois estes, na sua maioria, não estão preparados para essa responsabilidade.” É nesta linha que

emerge a importância da abordagem da sexualidade e da reprodução humana nas escolas, desenvolvida por profissionais de educação com formação específica.

É imprescindível que a escola como instituição sexualmente saudável, proporcione às crianças o diálogo sobre sexualidade e reprodução humana com os/as colegas, entre docentes, funcionários/as e famílias. A educação sexual deve ser abordada no contexto escolar de forma participativa e interdisciplinar, onde o ponto de partida são as vivências das crianças (Furlani, 2011, p. 66).

Estudo realizado por Sampaio (1987, p. 59) revela que “a educação sexual das crianças deve ser da responsabilidade das escolas, e que a educação sexual deve ser introduzida como disciplina a partir do ensino elementar (pré-escolar e/ou primário).” Porém, é importante que programas de educação sexual nas escolas, antes da sua implementação, resultem de acordos e compromissos entre as famílias e os/as professores/as.

3.2 Envolvimento das famílias na Educação em Sexualidade

“O diálogo sobre sexualidade na família é inequivocamente fundamental e apregoadado, mas, todos sabemos que, por condicionalismos vários, nem sempre é fácil” (Paiva & Paiva, 2002, p. 30).

No passado reinava o silêncio sobre a sexualidade, a omissão, o tabu, era a forma como a sexualidade era entendida, sendo estas as estratégias para educar as crianças ao nível deste tema. “Ao tabu foi sendo contraposta a ideia de falar de sexualidade, do esclarecimento, da educação sexual nos vários espaços de socialização de crianças e jovens, nomeadamente nas famílias e nas escolas” (Marques, Vilar & Forreta, 2002, p. 17)

Relativamente ao desenvolvimento do tema, as figuras parentais têm um papel essencial, através da forma como se relacionam entre si e com a criança. Os/as educadores/as, professores/as, os meios de comunicação social, os/as amigos/as e os/as colegas influenciam de certo modo as aprendizagens informais desenvolvidas pelas crianças.

Mas, “a participação dos pais é vital e não é novidade nenhuma que a educação para a sexualidade deve ser por excelência, feita na família.” Porém, existem famílias angustiadas pela ausência de conversas acerca da sexualidade e outras angustiadas pela sua possível ocorrência (Paiva & Paiva, 2002, p. 33).

“Os pais e as mães são, indiscutivelmente, figuras incontornáveis no processo de desenvolvimento global das crianças, pelo que é admissível que as suas «mensagens» e propostas atitudinais e comportamentais sejam dotadas de uma saliência especial e específica” (Marques, Vilar & Forreta, 2002, p. 13).

É dentro do seio familiar que as crianças têm contacto com as primeiras relações afetivas, vinculativas e de sociabilidade que afetam o seu crescimento ao nível da dimensão afetiva, amorosa e sexual. A qualidade destas relações primordiais tem impacto no desenvolvimento global da criança ao longo da sua vida. “O prosseguimento da interação afetiva com os pais, os restantes familiares e os pares continua a constituir o grande suporte de desenvolvimento desta energia a que chamamos sexualidade” (ME/MS, 2000, p. 64).

“A educação para a sexualidade é uma aventura” para todos os seus intervenientes, nomeadamente para pais/mães, professores/as e alunos/as contribuindo para aprendizagens conjuntas, basta estarem predispostos a expressar-se perante o tema (Paiva & Paiva, 2002, p. 8).

“A Educação Sexual deve ser assumida como um direito das crianças e os pais devem ser encarados como elementos inevitavelmente envolvidos nesse processo, e não como uma obstrução.” (Marques, Vilar & Forreta, 2002, p. 31)

“O que nos é pedido, concretamente ao nível da educação para a sexualidade, é tentar fazer melhor do que os nossos pais fizeram connosco” (Paiva & Paiva, 2002, p. 15). Atualmente, as crianças são expostas a aspetos relacionados com a sexualidade muito mais precocemente do que os/as nossos/nossas pais/mães daí a importância de uma abordagem o mais cedo possível. “A geração que hoje educa, ainda que crescendo em

liberdade, foi pouco educada nas questões relacionadas com a sexualidade” (Paiva & Paiva, 2002, p. 43). É importante reforçar que os comportamentos dos pais e das mães acerca da sexualidade têm grande efeito nas atitudes das crianças (Pereira, 2006, p. 58). Daí que, para Ribeiro (2006, p. 55), “A educação da sexualidade tem o seu lugar natural na família”. A especificidade do tema sexualidade conduz muitas das vezes ao preconceito da relação escola-família, porém este tem justificação nas diferentes fases de intervenção do projeto escolar (ME/MS, 2000, p. 51).

3.3 Conceitos de Sexualidade e Reprodução Humana

Segundo a Organização Mundial de Saúde “A sexualidade é uma energia que nos motiva a procurar amor, contato, ternura, e intimidade; que se integra no modo como nos sentimos, movemos, tocamos, e somos tocados; é ser-se sensual e ao mesmo tempo sexual; ela influencia pensamentos, ações e interações e, por isso, influencia também a nossa saúde física e mental” (Pereira, 2006, p. 15).

A sexualidade é algo intrínseco a uma criança e, deste modo, pode e deve exprimi-la. (Furnali, 2011, p. 67) A sexualidade é entendida como um conceito muito lato, multideterminado e multidimensional, que suporta uma realidade complexa e definida. A complexidade dos conteúdos relativos à educação sexual deve ter por base determinadas estratégias e finalidades, para que possam ser ampliados e complexificados ao nível do ensino formal (Marques, Vilar & Forreta, 2002, p. 10). Não existe uma idade específica para educar para a sexualidade.

O conceito de sexualidade refere-se à realidade complexa da distinção entre homem e mulher e aos aspetos fisiológicos, psicológicos, biológicos, sociais e espirituais que ambos têm subjacente. Neste sentido é relevante ter conhecimento acerca do que somos e sentimos na realidade, acabando com os tabus, os estereótipos e com a falta de comunicação. “Saber do que se trata não só não tem mal nenhum, como é útil” (Paiva & Paiva, 2002, p. 38)

Segundo a Direção-Geral de Saúde (2001, p. 9) “a sexualidade é o que nos faz sentir mulheres ou homens; é uma forma de expressão física do amor e pode reforçar a relação amorosa; manifesta-se através das relações sexuais (...); é responsável pelos desejos e pelo prazer que acompanham habitualmente os pensamentos e as atividades sexuais”.

“O conceito de sexualidade abrange as vertentes: biológica (enquanto seres com corpo sexuado), psicológica (identidade de género, orientação sexual, autoimagem, relações afetivo-sexuais) e social (valores, comportamentos, normas e modelos) ” (Veiga, Teixeira & Couceiro, 2001, p. 12).

“A nossa educação para a sexualidade começa formalmente quando nascemos.” (Paiva & Paiva, 2002, p. 15). Para Marques, Vilar & Forreta (2002, p. 10), a educação sexual deverá ocorrer através da realização de atividades de carácter informativo, focando assuntos relacionados com a saúde reprodutiva, isto é, a anatomia, a fisiologia da reprodução humana, a contraceção ligada às doenças sexualmente transmissíveis.

Segundo a Associação para o Planeamento da Família, “a educação sexual é, em primeiro lugar, um direito das crianças, dos jovens e das famílias; o direito de terem acesso a informações adequadas no domínio das suas vidas sexuais (...); o direito a utilizarem recursos disponíveis para viverem a sua sexualidade de uma forma saudável e gratificante” (Marques, Vilar & Forreta, 2002, p. 7).

A educação sexual está focada nos sentimentos, nas pessoas e nas relações que estas estabelecem entre elas. Contudo, esta só é entendida pelas crianças quando é feita uma ligação com os seus próprios interesses, necessidades e receios (Uslander & Weiss, 1997, p. 10).

As aprendizagens relacionadas com a educação sexual podem realizar-se de forma espontânea e informal de modo a que sejam envolvidas e complementadas, visando a compreensão, a aceitação e a vivência positiva da sexualidade, isto é, a Educação Sexual Formal (Marques, Vilar & Forreta, 2002, p. 13).

«A informação sobre sexo, porém, mais do que em qualquer outro aspeto da evolução de uma criança ou jovem, pode ser muito diminuída se não for acoplada a uma educação global, personalizada e personalizante. É por este facto que preferimos a expressão “educação para a sexualidade” em vez de “educação sexual”. A segunda expressão pode centrar-se no “sexual”, aquilo que é bem mais abrangente, que é do domínio da sexualidade» (Paiva & Paiva, 2002, p. 35). Educar para a sexualidade, seja que indivíduo for, deve respeitar o facto de que todos aprendemos e delineamos caminhos, não devemos estabelecer opções individuais, contudo podemos mencioná-las e analisá-las em conjunto.

A educação em sexualidade é vista como a concretização de atividades informativas focada em temas relacionados com a saúde reprodutiva, nomeadamente “a anatomia e a fisiologia da reprodução humana” (Marques, Vilar & Forreta, 2002, p. 10). A saúde reprodutiva é um processo que tem início no nascimento, tanto para as mulheres como para os homens e que engloba os seguintes componentes: “educação sexual, prevenção da violência, prevenção e tratamento de doenças sexualmente transmissíveis, contraceção, prevenção da infertilidade, vigilância pré-natal, parto em segurança...” (Direção-Geral de Saúde, 2001, p. 7).

“Segundo o Programa de Ação aprovado na conferência do Cairo, a saúde reprodutiva é o estado de pleno bem-estar físico, psíquico e social, e não apenas a mera ausência de doença ou enfermidade e tudo o que diz respeito ao sistema reprodutivo, bem como às suas funções e processos. Assim, a saúde reprodutiva implica que as pessoas possam ter uma vida sexual satisfatória e segura e que tenham a capacidade de se reproduzirem, assim como a liberdade de decidir se, quando e com que frequência o fazem. Esta última condição implica o direito de homens e mulheres serem informados e terem acesso a métodos de planeamento familiar...” (Direção-Geral de Saúde, 2001, p. 7). Neste sentido, escolhas informadas e responsáveis garantem uma saúde sexual e reprodutiva mais positiva, para ambos os sexos.

A reprodução humana é um domínio inserido na educação para a sexualidade daí a importância do conhecimento da morfologia e fisiologia dos sistemas reprodutores. “O

principal paradigma a ser desconstruído é o entendimento de que a sexualidade, para as pessoas se justifica pela reprodução” (Furlani, 2011, p. 67). Os mecanismos da reprodução humana fazem parte do modelo biológico-reprodutivo da educação sexual, de modo a abordar a fecundação, gravidez e parto (Marques, Vilar & Forreta, 2002, p.17).

“A reprodução constitui, desde sempre, um importante fator de organização e coesão sociais. O fenómeno da reprodução é marcado por práticas sexuais e socioculturais determinantes na formação da identidade dos indivíduos” (Veiga, Teixeira & Couceiro, 2001, p. 19).

Dentro do processo de reprodução, a fecundação foi um dos conteúdos explorados com as crianças dos 3º e 4º anos. A fecundação resulta da junção entre a célula sexual masculina (espermatozoide) e a célula sexual feminina (óvulo), originando um ovo ou zigoto e, mais tarde, um embrião. “No momento da ovulação (catorze dias antes da menstruação) o óvulo sai do ovário e penetra na trompa uterina. Ao mesmo tempo, as secreções do colo uterino (muco cervical) são abundantes e favorecem a ascensão dos espermatozoides. Está tudo preparado para que a fecundidade tenha lugar, se houver relações sexuais com emissão de esperma na vagina” (Bello, Dolto & Schiffmann, 1984, p. 109). Os espermatozoides, após a relação sexual, movem-se pela vagina, útero até alcançar as trompas de Falópio, e é neste mesmo local que se processa a união entre o espermatozoide e o óvulo (Direção-Geral de Saúde, 2001, p. 17). “Quando o espermatozoide se funde com o óvulo, forma-se uma nova célula-mãe, o zigoto” (Robert, 2006, p. 46). Este desenvolve-se e origina um embrião, que vai posteriormente implementar-se no útero, chamando-se a este processo nidificação (Bello, Dolto & Schiffmann, 1984, p. 110). O principal objetivo é pois a reprodução de um novo ser vivo. Segundo Veiga, Teixeira & Couceiro (2001, p. 22) “para que ocorra a fecundação, terão que estar reunidas determinadas condições fisiológicas, nomeadamente a existência de espermatozoides (em quantidade e qualidade adequadas) e óvulos (em boas condições de maturação).”

Após a implantação do ovo no útero dá-se início à gestação, também designada por gravidez. “A gravidez (...) dura habitualmente cerca de 40 a 42 semanas (ou seja cerca de nove meses), começa com a fecundação, segue-se a nidação e termina com o parto” (Direção-Geral de Saúde, 2001, p. 19). Nos 3 primeiros meses a criança fica totalmente formada e o seu coração já bate, chama-se embrião. A partir do 4º mês de gestação, o novo ser, já formado, começa a crescer, denominando-se feto. A partir do 7º mês o feto já poderá nascer, porém ainda necessita de muitos cuidados para sobreviver (Direção-Geral da Saúde, 2001, p. 5; Bello, Dolto & Schiffmann, 1984, p. 13). A gestação é o espaço de tempo que vai desde a conceção até ao parto e é um processo que depende simultaneamente do pai e da mãe, sendo imprescindível a presença de ambos nas consultas, com a finalidade de se preparem para o nascimento do bebé (Silva, 2017, p. 51; Direção-Geral de Saúde, 2001, p. 6). Durante o período de gestação o bebé alimenta-se dentro da barriga da mãe através do cordão umbilical.

Finalmente, e após o período de gestação, chega o momento do nascimento do bebé, o parto. “O parto é a saída do bebé para o exterior” (Direção-Geral de Saúde, 2001, p. 19). Este pode acontecer: pela via natural através da vagina, parto normal, com a ajuda de fórceps ou através de uma intervenção cirúrgica, cesariana. O trabalho de parto é o momento no qual o bebé, a placenta e as membranas que o suportam, saem do útero para o exterior (Heffer, 2001, p. 89). A OMS define parto normal como “parto de início espontâneo, de baixo risco no início, mantendo-se assim até ao nascimento. A criança nasce espontaneamente, em apresentação cefálica (com a cabeça virada em direção à saída do canal de parto), entre as 37 e as 42 semanas completas de gravidez.” O parto normal divide-se em três fases: a dilatação, o período expulsivo (saída do novo ser) e a expulsão da placenta (Vale, 2017). “O parto é desencadeado pelas contrações dos músculos da parede do útero, que provocam a dilatação do colo do útero; a rotura da zona inferior do saco em que está o bebé (a rotura pode ter que ser provocada pelo médico ou pela parteira); a descida da cabeça do bebé através do canal vaginal, a saída da cabeça e depois, com a ajuda da parteira, do corpo do bebé, pela vagina e vulva” (Ministério-Geral da Saúde, 2001, p. 22). As contrações uterinas regulares permitem o adelgaçamento e alargamento do colo do útero, de modo a possibilitar a saída do útero de todos os produtos da conceção. (Heffer, 2001, p. 89).

No caso da cabeça da criança não passar na bacia da mãe ou quando ambos se encontram em risco de vida, faz-se uma cesariana. O parto por cesariana ocorre quando o bebé é retirado do ventre materno através de uma intervenção cirúrgica (Ministério-Geral da Saúde, 2001, p. 22). Esta resulta de um corte na parede abdominal de modo a atingir o útero, de onde é retirado o bebé. Terminado este processo o corte realizado anteriormente é cosido (Vale, 2017).

CAPÍTULO III – PRESSUPOSTOS E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

1. Contextualização

Este projeto de intervenção-investigação foi desenvolvido no âmbito do estágio realizado numa escola do 1º Ciclo do Ensino Básico, em meio rural, localizada numa freguesia no concelho e distrito de Coimbra. A escola possui um reduzido número de crianças devido à dimensão da freguesia. Conta com duas turmas, uma dos 1º e 2º anos e outra dos 3º e 4º anos, sendo que no 3º ano há dois meninos e duas meninas e no 4º ano, quatro meninos e duas meninas, dando um total de 10 crianças, com idades compreendidas entre os 8 e os 10 anos. Neste grupo de crianças N=2 têm NEE: uma aluna apresenta dislexia e disgrafia e outra apresenta défice de atenção e hiperatividade. Cada turma é da responsabilidade do/a professor/a titular, tendo ainda a colaboração de duas professoras, uma de apoio e outra de educação especial, bem como, de uma assistente operacional. A comunidade educativa apresenta um nível socioeconómico médio, existindo, contudo, alguns casos que se inserem no nível socioeconómico baixo. Neste contexto escolar, sempre que as famílias são solicitadas a participar em atividades realizadas pelos/as docentes, cooperam de forma empenhada, o mesmo acontecendo quando as solicitações partem dos/as pais/mães, o que denota uma boa relação escola-famílias.

2. Sequência didática e recolha de dados

A investigação partiu das conceções iniciais de crianças dos 3º e 4º anos de escolaridade e procurou desconstruir alguns conteúdos relativamente à sexualidade e à reprodução humana, acrescentando outros, até então, por elas desconhecidos. Pretendeu-se perceber qual a ligação entre os conhecimentos das crianças e a existência, ou não, de conversas com as famílias acerca do tema.

Apesar de a reprodução humana ser um conteúdo curricular integrado no 3º ano de escolaridade, no Bloco 1 – À descoberta de si mesmo, informaram-se, os/as pais/mães sobre a sua abordagem em sala de aula, solicitando a sua autorização para a recolha de dados, visando a realização do estudo (ANEXO I).

O estudo realizado, de natureza qualitativa, desenvolveu-se em três fases: a primeira, consistiu na administração de questionários, tanto às crianças do 1º CEB, como aos/às seus/suas pais/mães; a segunda, na intervenção e abordagem, em sala de aula, dos conteúdos que integraram o questionário, realizado às crianças e a terceira fase consistiu na administração do questionário inicial às crianças e de um questionário de satisfação aos/às pais/mães, de forma a avaliar o impacto da intervenção tanto nas crianças como nas famílias (ANEXO II). A investigação decorreu ao longo dos 2º e 3º períodos do ano letivo 2016/2017 (ANEXO III), maioritariamente em sala de aula, tal como refere Giordan (1994), citado por Teixeira (1999, p.76) “a situação escolar como meio de aprendizagem é caracterizada pela multiplicidade de interações num grupo de alunos que tem uma existência institucional no tempo e pela intervenção de um professor que adapta a sua ação em função das características do grupo de alunos e do seu projeto pedagógico.” A sequência metodológica ocupou na totalidade 6 sessões, num total de 14 horas e 30 minutos da seguinte forma:

Tabela 1 - Sequência didática desenvolvida ao longo do estudo

Aulas	Dia	Duração	Objetivo
1ª aula	6 de março	30 –50 min	Administração dos questionários às crianças dos 3º e 4º anos de escolaridade.
2ª aula	27 de março	10 min	Entrega, às crianças, dos questionários aos/às pais/mães (a serem remetidos no dia seguinte).
3ª aula	24 de abril	5h	Distinção de sexo e de género. Identificação dos constituintes dos órgãos sexuais internos e externos, masculinos e femininos.
4ª aula	8 de maio	5h	Confronto das respostas das crianças com o saber científico aceite. Pesquisa em livros ou na internet sobre fecundação, gestação e parto.
5ª aula	15 de maio	1h30 min	Identificação de diferentes formas de amor através da análise pormenorizada de algumas imagens. Leitura e interpretação do livro “ <i>A Joaquinha quer ter um bebé</i> ”.
6ª aula	29 de maio	60 min	Nova administração do questionário individual às crianças. Entrega, às crianças, de questionários de satisfação, aos/às pais/mães (a serem remetidos no dia seguinte).

A primeira sessão consistiu no preenchimento individual de um questionário² por parte das crianças dos 3º e 4º anos, com uma prévia introdução e explicitação acerca da temática a desenvolver (ANEXO IV). Na implementação do questionário utilizou-se o método de administração direta, durante a aula de apoio ao estudo. Inicialmente, o questionário apresentava uma pequena introdução que incidia sobre os objetivos e o contexto do estudo a desenvolver. Seguidamente, era pedida a indicação do sexo (menino/menina) e da idade. Este instrumento de recolha de dados tinha um total de 11 questões de resposta aberta e fechada. Numa delas solicitava-se um desenho acompanhado de legenda. A resposta de natureza pictográfica pretende evidenciar desenhos explicativos acerca das próprias crianças, permitindo despertar o interesse e motivação no preenchimento do questionário. Segundo Solomon (1983), citado por Teixeira (1999, p. 79) “o melhor meio de investigar a variedade de ideias que os estudantes possuem é através das suas produções escritas/gráficas e das discussões em turma.” As questões do questionário seguiram uma ordem lógica, referindo-se a três grandes temas a fecundação, gestação e o parto. O questionário utiliza uma linguagem adequada à faixa etária das crianças, utilizando termos simples e concretos. O preenchimento individual dos questionários demorou entre 30 a 50 min, tendo sido o ponto de partida deste trabalho, estando na base do prosseguimento da investigação. Os dados recolhidos permitiram uma planificação da sequência didática mais coerente e precisa, tendo em conta as questões respondidas incorretamente, de forma a focar a aprendizagem das crianças em conteúdos desconhecidos ou pouco desenvolvidos.

Numa segunda sessão de 10 minutos foi distribuído um questionário por cada criança para levarem aos/às pais/mães para preencherem de acordo com a forma como abordam as questões relacionadas com a sexualidade e a reprodução humana, bem como a sua opinião relativamente à introdução destas temáticas desde cedo (ANEXO V). Este questionário possui uma nota introdutória que faz referência à finalidade e contexto do estudo. Segue-se um espaço para indicar o sexo (pai/mãe) e a idade. O questionário tem na sua totalidade sete questões de resposta aberta, fechada e apenas uma de escolha múltipla.

² Questionário adaptado de Teixeira, Filomena (2000). *Reprodução Humana e Cultura Científica: um percurso na formação de Professores/as*. [Tese de Doutoramento]. Universidade de Aveiro

Após a recolha das concepções, dúvidas e interesses das crianças, foi necessária a planificação de seis aulas de intervenção, respeitando o programa de Estudo do Meio do 1º CEB, para o 3º ano de escolaridade, nomeadamente no que se refere aos conteúdos “função reprodutora/sexual” e “órgãos genitais”, tendo também presente as características da turma. Contudo, apenas foi possível a lecionação de quatro destas aulas, desenvolvendo as temáticas planificadas de uma forma simples e adequada às idades. Na planificação destas aulas houve o cuidado de recorrer a diversos tipos de materiais, a atividades significativas e diversificadas e a metodologias ativas, de modo a que as crianças fossem o centro das aprendizagens. Estas aulas incidiram em temas como a distinção entre sexo e género, as diferentes formas de amor, a fecundação, a gestação e o parto.

Na terceira aula (ANEXO VI), que teve a duração de cinco horas, os/as alunos/as começaram por desenhar, em pares, o contorno do seu corpo. Seguidamente, passaram à ilustração das silhuetas utilizando roupas e adereços, recolhidos pelas crianças. O objetivo desta atividade era perceber qual o propósito da distinção de sexo, através de um diálogo em grande grupo. Seguidamente foi apresentado ao grupo de crianças uma representação dos órgãos sexuais masculino e feminino, internos e externos. Após a identificação de cada um deles, as crianças, em pequenos grupos, legendaram cada constituinte com o apoio de livros. Mais tarde, estas representações dos órgãos sexuais foram colocadas na zona do corpo de duas das silhuetas escolhidas pela turma.

Na quarta aula (ANEXO VII) - confronto com o saber científico aceite - foi feita uma síntese dos constituintes dos órgãos sexuais de ambos os sexos, a partir de um PowerPoint que mostrava a sua localização e função, para que as crianças pudessem ficar com uma noção mais pormenorizada e real do seu corpo. A partir das respostas às questões do questionário preenchido pelas crianças, procedeu-se ao seu confronto na turma, através de uma apresentação em PowerPoint. As questões e as respostas dadas foram lidas em voz alta, pelas crianças, tendo sido solicitada, após discussão, a resposta considerada mais adequada para cada questão. No final, a turma foi dividida em três grupos, ficando cada um responsável pela recolha de informação em livros ou internet

sobre fecundidade, gestação ou parto. Como foram feitos três grupos, cada um ficou com um destes temas, sendo que, no final partilharam a informação com todos/as os/as colegas.

Na quinta aula (ANEXO VIII) foram abordadas as diferentes formas de amor, através de uma análise escrita a partir da observação de algumas imagens, facultadas pela professora/investigadora. Este trabalho foi realizado em pares e após a sua concretização procedeu-se à apresentação de cada grupo, de modo a partilhar as diferentes ideias acerca do amor. Como forma de estabelecer uma ligação entre amor e a fecundação (ANEXO IX), foi lido às crianças o livro “*A Joaquinha quer ter um bebé*”, pela professora/investigadora. De seguida, de forma a explicitar o conteúdo da história, foram propostas, oralmente, algumas questões com a finalidade de perceber se as crianças aprenderam como é que na realidade se faz um bebé.

Ao longo das aulas de intervenção, foram abordados alguns conceitos básicos relativos à sexualidade e reprodução humana. Além dos temas gerais fecundação, gestação e parto, houve necessidade de introduzir novos termos, tais como, espermatozoide e óvulo, bem como os papéis que desempenham no sistema reprodutor do homem e da mulher. Estes novos termos surgiram pela curiosidade e interesse das crianças e foram sistematicamente questionados ao longo das aulas. Trata-se de conceitos científicos que as crianças não conseguem aprender de imediato e por esta razão em todas as aulas, as crianças, foram questionadas acerca das células e dos órgãos sexuais femininas/os e masculinas/os.

Para verificar a evolução das aprendizagens das crianças, foram utilizados os dados dos questionários preenchidos pelas mesmas, após a intervenção. Foram ainda propostas, ao longo das diversas atividades, várias questões orais acerca da temática que levaram ao diálogo em grande grupo, conduzindo à troca de ideias, dando especial realce às interações em sala de aula.

Todas as atividades didáticas implementadas foram alvo de registo por meio de gravações áudio, vídeo e fotográfico, úteis para a tirada de conclusões da investigação.

A partir destas, foi possível registar de forma mais precisa as conceções dos/as alunos/as ao longo da investigação e assim facilitar o tratamento dos dados, mencionando os diálogos e respostas tal como foram explícitos.

Como forma de avaliar o impacto da intervenção tanto nas crianças como nas famílias procedeu-se a uma nova implementação de questionários. No caso das crianças o questionário preenchido no final das situações didáticas foi igual ao inicial. Ao contrário do questionário administrado às famílias (ANEXO X), após a intervenção em sala de aula, que, como se mencionou, foi de satisfação, de acordo com o objetivo pretendido neste momento do estudo - saber qual a opinião dos/as pais/mães sobre o impacto (ou não) e entusiasmo que a abordagem feita pela professora/investigadora teve nas crianças. Por outro lado, pretendia perceber se existia à vontade nas conversas em família acerca da sexualidade e da reprodução humana, assuntos abordados em sala de aula.

Para a recolha de dados foram utilizados questionários, questões orais, registos escritos, audiovisuais e pictográficos e ainda a observação das atividades dinamizadas, em sala de aula, que proporcionaram sempre o envolvimento ativo das crianças. De forma a tratar os dados recolhidos nos quatro questionários respondidos em momentos distintos do estudo, recorreu-se a técnicas de análise de conteúdo gráfico, utilizando tabelas síntese.

3. Análise de dados e apresentação dos resultados em relação às crianças

A análise dos dados relativos às conceções das crianças dos 3º e 4º anos de escolaridade, obtidos a partir das respostas às questões abertas, através dos questionários administrados, foi um dos objetivos de análise. Após o tratamento destes dados recolhidos submeteu-se à análise de conteúdo. Segundo Krippendorff (1980), citado por Teixeira (1999, p. 123) “a análise de conteúdo é uma técnica de investigação que permite fazer inferências, válidas e replicáveis, dos dados para o seu contexto.” Assim, através da análise de conteúdo, é possível fazer uma ligação coerente entre a descrição e a interpretação, concedendo sentido às especificidades dos dados levantados e organizados.

A partir da análise de conteúdo, acerca dos questionários obtiveram-se os seguintes resultados (ANEXO XI), antes da implementação das sessões práticas planeadas, a 6 de março de 2017.

A maioria das crianças alvo deste estudo têm 9 anos de idade, sendo que apenas N=3 ainda têm 8 anos e N=1 já tem 10 anos. Relativamente ao sexo, N=6 são meninos e N=4 são meninas³.

A fecundação foi um dos temas questionado às crianças e a primeira pergunta era “*De onde vêm os bebés?*”. A esta questão a maioria das crianças, (A8F, A2M, A3M, A7F, A6F, A5M) responderam “*Da barriga da mãe.*” referindo-se apenas ao local de gestação do bebé. Foi ainda dada outra resposta que completa a anterior, acrescentando de uma forma mais precisa, o aparelho reprodutor. Além desta resposta, foram recolhidas outras, como por exemplo, “*da barriga das mulheres e forma-se uma pessoa*” (A10M); “*do sistema reprodutor da mulher*” (A4M). Maioritariamente, as crianças consideram que a proveniência de um bebé apenas depende do sistema reprodutor da mulher ou da barriga da mãe, dispensando o papel do pai na sua origem. Como resposta a esta primeira questão, ainda houve uma criança (A9F) que respondeu “*Não me recordo*”, demonstrando não ter ideia nenhuma acerca do que era pedido.

O processo de fecundação teve destaque no questionário através da pergunta “*Como se faz um bebé?*”. As respostas foram diversificadas sendo que metade das crianças responderam “*Não me lembro.*”, “*Não sei.*” ou “*Não faço ideia.*” refletindo o desconhecimento deste assunto. As restantes crianças consideram imprescindível a participação do homem e da mulher no processo de fecundação, referindo, nalguns casos, o envolvimento das células sexuais de ambos os sexos na formação de um novo ser, exemplos: “*Faz-se com amor entre um homem e uma mulher*” (A9F); “*Quando os*

³ A fim de garantir o anonimato das crianças e famílias que participaram no estudo, houve necessidade de se proceder a uma codificação, tendo sido atribuídas letras e algarismos. Começou-se por numerar cada um dos questionários respondidos pelas crianças. Assim, por exemplo A9F significa aluna número 9, sexo feminino; A1M - aluno, número 1, sexo masculino; M2 - mãe do/a aluno/a número 2; P7 - pai do/a aluno/a número 7.

espermatozoides se juntam à vagina da mulher faz-se um novo ser” (A1M); *“O pai e a mãe quando se beijam um bichinho que está dentro do homem vai para a barriga da mãe e forma-se o bebé”* (A8F); *“Faz-se com as células masculinas do homem, a primeira a chegar à célula feminina da mulher forma um bebé”* (A6F). A esta questão ainda se obteve a resposta *“Não sei fazer”*, evidenciando a ingenuidade de algumas crianças desta idade que não têm conhecimentos suficientes sobre o tema.

A terceira pergunta refere-se ao período de gestação de um bebé no ventre materno sendo que a maioria das crianças (N=6) respondeu apenas *“9 meses”* (A8F, A9F, A4M, A1M, A6F, A5M). Porém houve crianças que apresentaram ideias diferentes, tal como *“9 meses ou menos”* (A10M), demonstrando conhecimento na existência de bebés prematuros – que nascem antes dos 9 meses de gestação. Além destas respostas, próximas do saber científico aceite, outras crianças responderam períodos distintos da realidade, exemplos: *“10 meses”* (A2M); *“1 ano”* (A3M). Ainda surgiu o caso de uma criança (A7F) que refere não saber quanto tempo permanece um bebé na barriga da mãe.

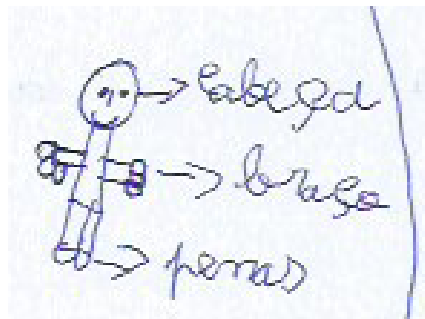
A quarta questão refere-se à forma como os bebés realizam as suas necessidades básicas dentro da barriga da mãe, *“Como é que o bebé come e respira dentro da barriga da mãe?”*. As respostas a esta questão apresentam-se bastante díspares, sendo que apenas N=3 (A8F, A2M, A1M) afirmou *“A partir do cordão umbilical.”*, verifica-se que estas crianças conhecem o nome do “comunicador” entre mãe e filho e ainda quais as suas principais funções. N=2 crianças (A10M, A6F), identificaram o cordão umbilical como um “tubo” através das seguintes respostas: *“A mãe come e tem um tubo e vai para o bebé e respira nesse mesmo tubo”* (A10M); *“Com um tubinho que lhe dá comida e respiração”* (A6F). Obtiveram-se, além destas, outras respostas que estabelecem a relação entre aquilo que a mãe ingere e o que o bebé recebe para satisfazer as suas necessidades básicas, tais como: *“Come o que a mãe come e respira o que a mãe respira”* (A9F). Porém, N=3 (A4M, A7F, A5M), refere *não saber* como é que o bebé come e respira dentro da barriga da mãe.

A questão número cinco pede às crianças que imaginem como estavam dentro da barriga da sua mãe e que representem através de um desenho legendado. A maioria, N=7,

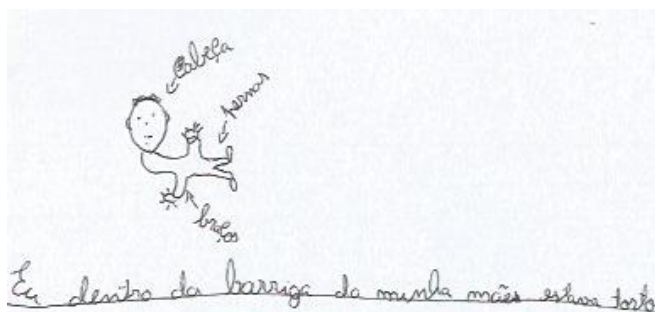
apenas referiu na legenda: cabeça, tronco e membros, sendo que N=2 (A5M, A7F) representa o novo ser envolvido por uma semicircunferência, N=3 (A2M, A4M, A9F) representa e/ou legenda os olhos, nariz e boca na face do bebé e N=2 (A1M, A10M) não representa os olhos, nariz e boca, por exemplo:



(A5M)



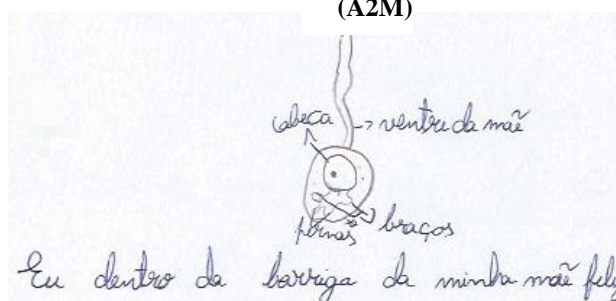
(A7F)



(A2M)



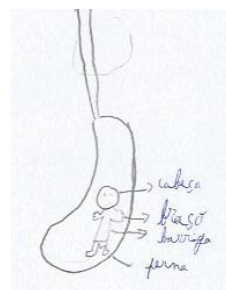
(A4M)



(A1M)

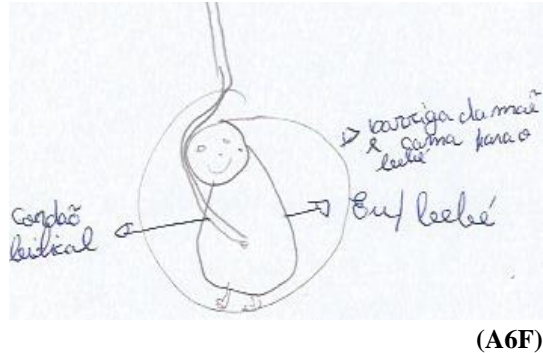


(A9F)

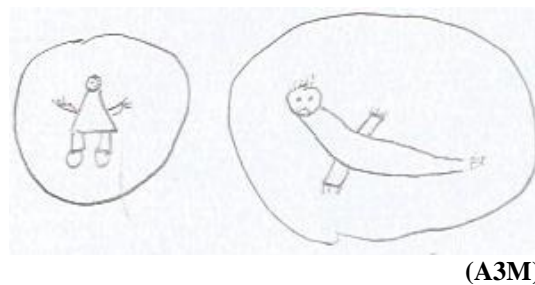


(A10M)

Houve ainda outras representações, nomeadamente, uma criança (A6F) que desenhou a mãe de corpo inteiro, o bebé na zona da barriga com um sombreado mais escuro, um tubo que liga a mãe ao bebé e além disso, faz uma representação realista das alterações abdominais que ocorrem durante a gravidez. Outra criança (A8F) representou o “Eu/bebé” no interior de uma circunferência, “barriga da mãe e cama para o bebé” e ainda desenhou o “cordão bilical” que vem do exterior da barriga da mãe até a um ponto na barriga do novo ser, umbigo.



Ainda uma criança representou dois novos seres com características diferentes, envolvidos, cada um, por uma circunferência, sem qualquer legenda, tornando-se dificilmente perceptível. (A3M)



A sexta questão do questionário refere-se ao modo como os bebés são expulsos do ventre materno, “Como é que o bebé sai do corpo da mãe?”. A maioria das respostas apresenta o mesmo conteúdo, explicado de formas diferentes. Assim, N=8 crianças referem, sem utilizar os conceitos científicos aceites, a distinção entre o parto normal e cesariana, através das seguintes respostas: “Do bibi ou então da barriga” (A6F); “Pela vagina ou pela barriga (os médicos têm de cortar a barriga da mãe)” (A2M, A4M, A1M, A9F); “Pela vagina mas à pessoas que tem que ser pela barriga, cortam-na e sai

o bebé” (A8F). Porém, N=2 crianças referem *não fazer ideia* de como é que os bebés saem do corpo da mãe.

As questões anteriormente colocadas, referem-se principalmente aos conceitos de fecundação, gestação e parto. Já as questões que se seguem, têm como objetivo perceber se existem conversas com as famílias acerca destes temas, se as dúvidas das crianças são ou não esclarecidas e porquê.

A questão número sete refere-se à existência ou não de diálogos em família sobre a sexualidade e a reprodução humana, “*A tua mãe ou o teu pai já alguma vez conversaram contigo sobre este tema?*”. A esta questão apenas N=3 crianças (A6F, A8F, A2F) afirmaram que sim, acrescentando numa destas respostas algumas dúvidas “*Sim, quando o bebé nascia quanto tempo permanece dentro da barriga e outras coisas*” (A8F). As restantes N=7 referem não conversar com os pais ou com as mães sobre o tema (A4M, A3M, A10M, A5M, A7F, A9F), sendo que N=1 delas afirma “*Não, mas eu sei muita coisa sobre este tema*” (A1M).

A oitava pergunta do questionário é “*Em alguma ocasião questionaste a tua mãe ou o teu pai sobre este assunto?*”, tratando-se de uma questão de resposta fechada. A esta questão metade das crianças (A1M, A10M, A5M, A7F, A6F) assinalou sim e a outra metade (A8F, A2M, A9F, A4M, A3M) não.

As três questões seguintes são alíneas da questão oito, a alínea a) permite que as crianças manifestem as suas dúvidas perante a família, tais como: “*Se as meninas da minha idade (9 anos) podiam namorar ou engravidar*” (A1M); “*Porque é que os bebés estavam 9 meses na barriga da mãe e porque é que eles saem do bibe*” (A6F).

A alínea b) questiona as crianças acerca da existência ou não de esclarecimentos das suas dúvidas propostas por parte dos/as seus/suas pais/mães. Das cinco crianças que afirmaram ter questionado os pais ou as mães acerca do tema, N=2 declararam que os pais ou as mães esclareceram essas dúvidas (A6F, A5F) e N=3 afirmaram que não (A8F, A1M, A10M).

A alínea c) pretende justificar a existência ou não de esclarecimentos sobre sexualidade e reprodução humana. As seguintes respostas demonstram o pouco à vontade e o tabu ainda existente nas sociedades atuais, descartando a ideia de diálogo acerca do tema: “*Os meus pais não quiseram falar sobre isso*” (A7F); “*Estavam a fazer outras coisas*” (A10M); “*Porque dizem que as crianças não devem saber nada sobre este assunto*” (A1M). Por outro lado, alguns pais e/ou algumas mães parecem falar do tema com naturalidade, do mesmo modo que esclarecem dúvidas relativas a outros assuntos. Eis o exemplo: “*Disseram-me a resposta*” (A5M).

Após a intervenção em sala de aula, que partiu das conceções iniciais das crianças referidas no primeiro questionário, surgiu a necessidade de verificar qual a evolução das suas aprendizagens através de uma nova administração do questionário inicial, a 29 de maio de 2017. A evidência da evolução das aprendizagens das crianças também foi analisada e registada ao longo das sessões em sala de aula, pela professora/investigadora.

A seguinte análise dos dados do 2º questionário administrado às crianças demonstra a alteração e introdução de novos conceitos acerca do tema, bem como a aplicação de alguns conceitos cientificamente aceites (ANEXO XII).

A primeira pergunta “*De onde vêm os bebés?*” obteve respostas utilizando conceitos cientificamente aceites, aprendidos durante a intervenção. Porém, nem todas as crianças respondem corretamente à questão proposta e alguns dos novos conceitos não são corretamente utilizados. N=2 respondem “*Os bebé vêm do útero da mulher (sistema reprodutor)*”, sendo que apenas uma criança referencia o sistema reprodutor (A1M, A8F). Outras duas (A9F, A6F) respondem “*Os bebé vêm do óvulo da mulher*” fazendo apenas referência a uma das células sexuais, neste caso feminina. A maioria das respostas refere-se à localização do bebé no período de gestação, assim para N=3 crianças, “*Os bebés vêm da barriga/ventre da mãe*” (A3M, A7F, A4M). Todavia, N=1 ainda respondeu “*Os bebés vêm da barriga e do óvulo*” (A9M) referenciando não só a localização do bebé no período de gravidez, mas também uma das células sexuais que

está na sua formação. As restantes N=2 (A2M, A5M) fazem referência ao parto “*Os bebés vêm ou da barriga ou da vulva*”, mencionando a proveniência dos bebés através da vulva.

A segunda questão “*Como se faz um bebé?*” obteve diferentes respostas. Uma das crianças apenas faz referência ao homem como o único interveniente na formação de um bebé “*Um bebé faz-se a partir da célula sexual do homem que é os espermatozoides*” (A8F). Por outro lado, N=3 consideram imprescindível a junção do óvulo com o espermatozoide na formação de um bebé. Eis as seguintes respostas: “*Um bebé faz-se dentro do óvulo da mulher e com o espermatozoide forma-se o bebé*” (A10M); “*Um bebé é constituído pelos espermatozoides do homem que vão ter ao óvulo da mulher*” (A6F); “*Um bebé faz-se quando o espermatozoide se encontra com a célula sexual feminina (óvulo)*” (A1M). N=5 das crianças consideram que um bebé se faz através do ato sexual: “*Faz-se um bebé fazendo sexo*” (A5M, A3M); “*Faz-se fazendo sexo o pénis do homem junta-se à vulva da mulher*” (A2M, A4M); “*Faz um bebe fazendo sexo faz-se na cama namorando*” (A7F). Apenas N=1 admite a existência da relação sexual e ainda a união entre as duas células sexuais, nomeadamente: “*Um bebé faz-se com sexo, os espermatozoides do homem vão para o óvulo da mulher*” (A9F).

A pergunta seguinte refere-se ao período de tempo que um bebé permanece no ventre materno. As respostas a esta questão são desta vez, mais completas. N=4 (A6F, A2M, A9F, A2M) referiram-se ao período de gestação de 9 meses, “*Um bebé dentro da barriga da mãe, permanece 9 meses.*” N=3 mencionam a possibilidade do nascimento de bebés prematuros, por exemplo: “*Um bebé permanece na barriga da mãe 9 meses ou menos*” (A4M); “*Um bebé permanece na barriga da mãe, 7 ou mais meses*” (A1M); N=2 crianças consideram que um bebé permanece mais de 9 meses na barriga da mãe, referindo “*Um bebé permanece na barriga da mãe 9 meses ou mais*” (A8F); “*Um bebé permanece 12 meses na barriga da mãe*” (A3M); Ainda uma criança refere *não saber* quanto tempo permanece um bebé dentro da barriga da mãe.

A quarta questão refere-se à forma como o bebé come e respira dentro da barriga da mãe, obteve-se apenas três respostas distintas. A maioria, N=8 crianças, respondeu de

acordo com o que foi aprendido ao longo das aulas, “*O bebé come e respira a partir do cordão umbilical*” (A1M, A2M, A9F, A4M, A2M, A6F, A10M, A8F). N=1 ainda afirmou que é “*Através da vulva*” (A3M) que o bebé come e respira dentro da barriga da mãe e ainda houve outra criança que afirmou *não saber* responder a esta questão.

A quinta questão focava-se de novo no desenho que representasse a forma como acham que estavam dentro da barriga da sua mãe. A maioria das crianças N=6 fez a representação, na sua totalidade, do corpo da mãe, apenas N=3 não representaram nem legendaram o cordão umbilical e N=4 apenas representaram o bebé dentro de uma “*bolsa*”. As crianças que representaram o corpo da mãe evidenciam algumas diferenças, nomeadamente a representação de uma grande barriga com o bebé bem formado no seu interior, com/sem uma pequena ligação entre mãe e filho, “*cordão umbilical*”.



(A5M)

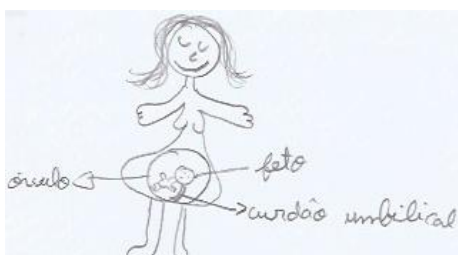


(A9F)



(A7F)

Outra criança representa a barriga da mãe mais estendida com uma zona restrita designada pela criança “*óvulo*” onde se encontra o “*feto*” e o “*curdão umbilical*” que liga o bebé à mãe. Aparece ainda um novo elemento, as mamas da mãe.



(A6F)

Surgiu ainda a representação da mãe de corpo inteiro com um bebé na barriga, neste desenho está legendado e representado o umbigo da mãe e do bebé que se ligam através do “cordão umbilical”.



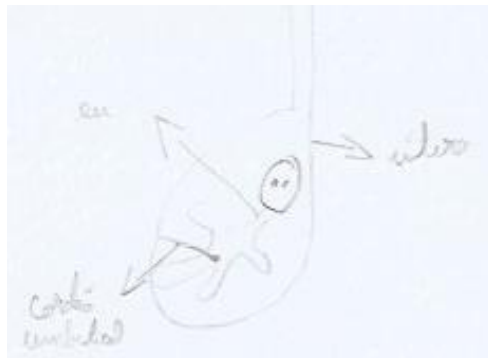
(A8F)

Das representações que tinham por base o corpo da mãe com o bebé na barriga, ainda houve duas crianças que desenharam o “cordão umbilical” a ligar a parede do “útero” à cabeça do novo ser.



(A10M)

Das N=4 crianças que desenharam o local preciso onde se desenvolve o bebé, apenas 1 representou o novo ser “eu” dentro do “útero” e o “cordão umbilical” que liga o bebé à parede do útero.



(A1M)

N=2 crianças apresentam um desenho muito simplificado onde representam apenas o “bebê” dentro de uma circunferência, “barriga”.

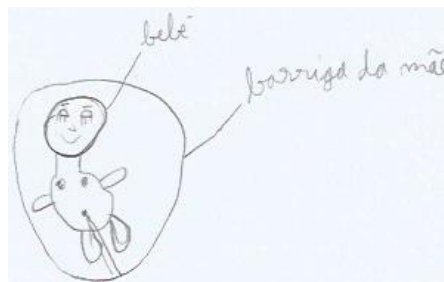


(A2M)



(A3M)

Uma outra representação apresenta um “bebê” dentro da “barriga da mãe” (uma circunferência), porém apenas representa a ligação entre o umbigo do bebê e a parede da barriga da mãe, sem legenda do mesmo. Além disso, representa as mamas do bebê.



(A4M)

A sexta pergunta “Como é que o bebê sai do corpo da mãe?” obteve respostas diferentes. A maioria das crianças, N=6 (A10M, A6F, A5M, A4M, A2M), consideram as duas formas de expulsão do bebê do corpo da mãe, a cesariana e o parto normal, recorrendo a alguns termos científicos corretos, como por exemplo: “Um bebê sai do corpo da mãe pela barriga e pela vagina.” (A10M); “O bebê sai do corpo da mãe, a partir da vulva ou então pela barriguinha (cesariana) ” (A6F); “Sai ou pela vulva ou pela barriga” (A4M, A5M, A2M); “O bebê pode sair por dois sítios pela vulva ou pela barriga e isso é o parto normal e o parto cesariana” (A8F). Por outro lado, há crianças que consideram apenas existir o parto normal “O bebê sai do corpo da mãe pela vulva” (A9F). Ainda há crianças que apenas admitem a existência do parto por cesariana, mas na realidade não sabem como nem onde este se processa “O bebê sai do corpo da mãe com um corte na barriga ou com uma cesariana, no hospital ou no pediátrico” (A1M) Além destas respostas, N=1 não respondeu e outra demonstrou alguma confusão nos termos

indicados, ao escrever *“O bebé sai do corpo da mãe através do cordão umbilical”* (A3M).

Ao fazer uma nova análise acerca de possíveis conversas com as famílias sobre a sexualidade e a reprodução humana, o objetivo era averiguar se a intervenção em sala de aula, aumentou ou não a preocupação, os diálogos e as questões por parte das famílias e das crianças.

A sétima questão *“A tua mãe ou o teu pai já alguma vez conversaram contigo sobre este tema?”*, N=5 crianças responderam que não (A2M, A8F, A4M, A5M, A7F) e N=4 afirmaram que sim (A6F, A9F, A1M, A10M). Ainda uma criança explicitou qual o tema da conversa que teve com a família, *“Sim. A dizer como se faz um bebé”* (A3M).

Na questão *“Em alguma ocasião questionaste a tua mãe ou o teu pai sobre este assunto?”*, N=7 assinalaram “sim” (A1M, A9F, A6F, A10M, A8F, A4M, A2M) e N=3 indicaram “não” (A3M, A5M, A7F).

As seguintes respostas refletem as dúvidas das crianças feitas aos/às pais/mães, no seguimento da questão anterior: *“Se faz o corte na barriga ou na vagina”* (A10M); *“Se uma mulher podia ter filhos aos 50 anos. O que tomam para evitar ter filhos”* (A6F); *“Se tinha saído por parto normal ou cesariana”* (A8F); *“As minhas dúvidas eram qual o método contraceptivo que ela tomava”* (A4M). Na alínea b) *“O teu pai ou a tua mãe esclareceram-te as dúvidas?”* N=6 crianças (A5M, A4M, A8F, A10M, A6F, A9F) assinalaram “sim” e N=4 (A2M, A3M, A1M, A7F) “não”. Na alínea c) era pedido que justificassem o esclarecimento ou não das dúvidas das crianças, por parte da família. Algumas crianças, N=3 (A1M, A3M, A2M) demonstraram que os pais não se mostravam muito disponíveis para os esclarecer acerca do tema, referindo os mesmos motivos que haviam indicado no primeiro questionário: *“Não me esclareceram as dúvidas porque não se sentiam à vontade, mas perguntei na escola e já percebo muito deste assunto”* (A1M); *“Porque eles às vezes não têm tempo”* (A3M); *“Porque eles não gostavam de falar sobre isso”* (A2M). Porém, outras justificações mais positivas foram dadas pelas crianças de forma a justificar o facto de o pai ou a mãe terem esclarecido as

suas dúvidas, por exemplo: “*Porque eu lhe pedi*” (A9F, A6F); “*Porque ela sabia*” (A4M); “*Porque acham bem as crianças ou as meninas esclarecerem isso*” (A10M).

4. Análise dos dados e apresentação dos resultados em relação às famílias

O questionário inicial realizado aos/às pais/mães dos/as alunos/as dos 3º e 4º anos de escolaridade tem como objetivo principal perceber qual a ocorrência de diálogos em casa sobre sexualidade e reprodução humana, de que forma estes diálogos acontecem, qual a sua opinião relativamente à abordagem deste tema em sala de aula, se consideram ter à vontade para abordar este tema com os/as seus/suas filhos/as e ainda qual a sua opinião acerca dos conteúdos que devem ser abordados nesta faixa etária. (ANEXO XIII)

Os/as pais/mães envolvidos no preenchimento destes questionários têm idades compreendidas entre os 36 e os 51 anos. A maioria dos inquiridos, N=8 são mães, sendo que apenas N=2 são pais.

Na primeira questão de resposta fechada, “*Em alguma ocasião o/a seu/sua filho/a o/a questionou acerca da sexualidade?*”, N=9 dos inquiridos (M8, M6, M5, M2, M4, P7, M10, M3, P8) responde não e N=1 (M1) assinala sim.

A questão 1.2. apresentava algumas hipóteses de escolha e ainda espaço para qualquer sugestão da parte da família. À pergunta “*Como respondeu à questão/dúvida?*” A mãe (M1) que anteriormente respondeu sim, assinalou *respondi abertamente* e acrescentou “*ocultando alguns pormenores*”, demonstrando algum receio na troca de ideias com as crianças, acerca deste assunto. À pergunta 1.3. “*Considera que respondeu de forma clara de modo a esclarecer a questão/dúvida do/da seu/sua filho/a?*” a mãe assinalou que sim.

A questão seguinte pretendia perceber se existia ou não à vontade na abordagem da sexualidade e reprodução humana entre as crianças e a família. À questão “*Sente-se à vontade para abordar esta temática com o/a seu/sua filho/a?*”, N=9 (M1, M9, M6, M5, P7, M2, M3, M4, P8) assinalaram que sim e N=1 (M10) que não.

Seguidamente, os/as pais/mães eram solicitados a justificar o à vontade ou não em abordar o tema com o/a seu/sua filho/filha. As respostas a esta questão apresentaram ideias muito positivas em relação à sexualidade e reprodução humana, considerando que a abordagem do tema é essencial nestas idades, bem como a utilização dos termos corretos, como por exemplo: “*Os jovens têm de saber do assunto*” (P7); “*Porque existe esse à vontade para debater esses assuntos*” (M5); “*Porque vou a brincar abordando a temática*” (M3); “*Porque acho que se devem contar as coisas tal e qual como elas são e acontecem*” (M2).

A terceira questão solicitava a opinião por parte dos/as pais/mães acerca da abordagem da sexualidade e reprodução humana no 1º CEB. As respostas a esta questão foram maioritariamente positivas, 50% (N=5) demonstraram que é importante a abordagem do tema desde cedo, o apoio à informação dada pela família e que é relevante a aprendizagem de conceitos cientificamente corretos, por exemplo: “*Eu penso que é uma ajuda aos pais, que em alguns momentos não sabem muito bem como abordar este assunto*” (M1) e “*É bastante positiva pois permite que eles comecem a perceber mais sobre o tema*” (M3). Outros/as pais/mães consideram que não é o período mais apropriado da vida das crianças para terem conhecimentos sobre o tema e que apenas deve ser introduzido de acordo com a maturidade de cada criança, por exemplo: “*São muito novos para se falar na escola deste assunto*” (M10); “*Concordo que este tema seja abordado apenas no 4º ano porque é nessa altura que as crianças conseguem perceber melhor a questão da sexualidade*” (M2); “*Deve ser explicada às crianças de acordo com a sua maturidade*” (M9, M6).

A última questão “*Perante os conhecimentos que possui acerca da sexualidade, o que considera importante que as crianças aprendam, tendo em conta a faixa etária que se encontram?*” obteve respostas de diversa natureza, referindo conteúdos muito básicos a

abordar nesta faixa etária, apesar de reconhecerem a relevância do conhecimento deste tema deste tenra idade, eis os seguintes exemplos: *“Considero que as crianças de acordo com a faixa etária em que se encontram, devem ter noção dos perigos que este tema desenvolve, bem como o respeito que deve existir um com o outro”* (M6); *“Tendo em conta a idade do meu educando acho que devem ser abordados temas mais simples, tais como a função reprodutora”* (M2); *“Infelizmente, é necessário cada vez mais cedo abordar este assunto para prevenir doenças e evitar gravidez indesejada. Apesar de considerar ainda um pouco cedo no caso do meu educando”* (M1); *“A sexualidade nestes casos é não ter contacto com estranhos de forma a evitar aliciamento de estranhos”* (M5, M4).

5. Avaliação do projeto de intervenção-investigação

De modo a proceder à avaliação do projeto foram utilizados diferentes procedimentos, nomeadamente uma nova administração de questionários aos/às pais/mães de forma a perceber o grau de satisfação do trabalho decorrido e aos/às alunos/as, de forma a perceber o que aprenderam ao longo das diferentes sessões. Durante estas sessões também foi possível verificar o impacto da intervenção em sala de aula, através de questões orais feitas às crianças, acerca dos temas a tratar, focando a avaliação na capacidade de resposta de acordo com o conhecimento científico aceite. *“Uma avaliação e monitorização contínua no decurso da experiência...configura-se como uma abordagem mais fidedigna e respeitadora do desenvolvimento e aprendizagem das crianças”* (Portugal & Laevers, 2011, p. 10).

Com a administração de um segundo questionário de satisfação aos/às pais/mães foi possível detetar qual o impacto que o projeto de intervenção-investigação teve, na sua globalidade, para as famílias (ANEXO XIV).

A primeira questão do questionário referia-se ao impacto que a intervenção feita durante o estágio teve e no interesse e motivação da criança pelas temáticas abordadas. Esta era uma questão fechada onde N=8 (P7, M10, M3, M1, P8, M2, M6, M9) dos/as pais/mães assinalaram que sim, sendo que as restantes N=2 (M4, M5) consideraram que não.

As respostas à questão 1.1., que se referia à justificação da resposta à primeira questão, foram bastante diversificadas. N=2 (M6, M3) dos inquiridos afirmaram que os/as seus/suas filhos/as ficaram com uma noção do assunto e isso fez com que surgissem mais diálogos sobre o tema, por exemplo, *“Ficou com alguma noção e a falar mais sobre o assunto”* (M3). Outras respostas indicaram que as crianças aprenderam mais sobre a temática, que demonstraram mais interesse pelo tema, que desencadeou novas questões/dúvidas devido à intervenção realizada em sala de aula e que começaram a ver o tema de uma forma mais cuidada e atenta *“Teve mais conhecimentos em relação a este tema para o futuro e para o crescimento”* (M10) e *“Passou a ver a temática de uma forma mais cuidada e atenta chamando a atenção dos pais para certas observações que via na TV e em outros meios de comunicação”* (M9). Houve uma mãe que não respondeu de uma forma individual, mas sim genérica considerando que a sexualidade e reprodução humana são temas que as crianças devem ter contacto desde cedo, de modo a esclarecer as dúvidas vulgares por vezes existentes, por exemplo, *“Porque acho que é um tema que as crianças devem abordar desde cedo, pois existem muitas dúvidas nas cabeças deles que assim podem ser esclarecidas”* (M2). Segundo Konemann (2000), citado por Cevallos-Neira e Jerves-Hermida (2014, p. 93) “a sexualidade é certo na vida e no desenvolvimento das crianças.” Admite ainda, tal como este/a pai/mãe, que a sexualidade deve começar na fase infantil. Surgiu, ainda uma mãe que confessa não ter havido qualquer aspeto em casa que demonstrasse interesse e/ou motivação pelos temas abordados, *“Não existiu qualquer conversa com os pais sobre o assunto”* (M5).

A segunda pergunta *“A partir do momento que o projeto começou a desenvolver-se na escola, notou alguma diferença no seu/sua educando/a, em casa, ao nível das conversas informais sobre a temática?”* é de resposta fechada, sendo que N=7 (M2, M9, M6, P8, M1, M3, P7) dos inquiridos respondeu que sim e os restantes N=3 (M5, M4, M10) não.

A questão 2.1. pede aos/às pais/mães que indiquem a forma como notaram diferença nos/nas seus/suas educandos/as, ao nível das conversas informais sobre o tema. Trata-se de uma respostas com algumas hipóteses de escolha e com espaço para acrescentar outras alternativas, podendo escolher mais que do que uma resposta. Assim, as

alternativas escolhidas pelos/as pais/mães foram: *“Passou a ser tema de conversa”* (M1); *“Maior rigor na linguagem – Utilização correta de palavras e/ou termos científicos”* (M9, M1); *“Aumento do vocabulário a respeito do tema”* (M2, M1, M3) e *“Maior número de questões/dúvidas sobre o tema”* (M2, M9, P8, M6, P7).

A questão 2.2 *“Caso tenha notado alguma diferença no seu/sua educando/a, relativamente à temática que estava a ser abordada, queria, por favor, dar exemplo (s).”* apenas foi respondida por N=2 pais/mães, sendo as respostas, *“Perguntou-me só uma vez para que servia a pílula?”* (M10); *“Se a mulher pode ter filhos aos 50 anos, como evitar ter filhos”* (M6).

O questionário de satisfação implementado aos/às pais/mães após a intervenção em sala de aula permitiu concluir que esta intervenção causou impacto no interesse e motivação pelo tema, para a maioria das crianças. Aspeto também verificado através da análise das respostas dos segundos questionários das crianças. A partir dos testemunhos dos/das pais/mães, conclui-se que as crianças ficaram mais alertas para o tema, ficaram com noções científicas pormenorizadas, aprenderam conceitos importantes para o seu futuro, fizeram mais questões devido à intervenção feita em sala de aula e começaram a ver o tema de uma forma mais cuidada e atenta. Tanto na escola, como em casa a maioria das crianças alterou os seus comportamentos ao nível das conversas informais sobre o tema, existindo mais questões/dúvidas, aumento do vocabulário, maior rigor na linguagem e utilização dos termos cientificamente aceites. Esta intervenção em sala de aula foi uma mais-valia para as crianças desmistificarem alguns das suas aprendizagens e questioná-las. Além disso, foi possível proporcionar motivação e curiosidade nas crianças relativamente ao tema, mantendo o contato entre famílias e comunidade escolar.

CAPÍTULO IV – CONSIDERAÇÕES FINAIS

1. Conclusões do estudo

Retomando agora as questões orientadoras desta investigação “Será que os/as pais/mães esclarecem as dúvidas aos/às seus/suas filhos/as acerca da sexualidade e reprodução humana de forma explícita?”; “Consideram importante que esta abordagem seja feita na escola, desde tenra idade?”, bem como os objetivos do estudo, a saber: “Conhecer e analisar as concepções iniciais das crianças do 1º CEB; Saber se existe diálogo dos/das pais/mães das crianças do 1º CEB sobre sexualidade e reprodução humana; Implementar um projeto de intervenção em sala de aula com crianças do 1º CEB de modo a proporcionar-lhes conhecimentos científicos sobre sexualidade e reprodução humana, que possam contribuir para o esclarecimento das suas dúvidas e Analisar a concordância ou discordância das famílias na abordagem do tema com crianças do 1ºCEB”, elaboraram-se as seguintes conclusões:

1. Ao analisar as concepções iniciais das crianças do 1º CEB foi possível verificar que elas possuíam alguns conhecimentos sobre a temática em estudo, nomeadamente “sistema reprodutor da mulher”, “espermatozoides”, “vagina”, “células” e “cordão umbilical”. Porém, alguns destes termos não correspondem a conceitos científicos aceites, podendo ser acompanhados de expressões de senso comum, como por exemplo, *“O bebé sai do corpo da mãe com um corte na barriga ou com uma cesariana, no hospital ou no pediátrico.”* As crianças tinham também conhecimento de que a formação de um bebé depende da relação entre o homem e a mulher; identificavam, na sua maioria, o tempo de permanência de um bebé na barriga da mãe e a existência de um *“tubo”* ou *“tubinho”* que faz a ligação da mãe com o bebé. Relativamente ao momento do parto, as crianças apenas descreviam o acontecimento de forma muito simplificada, nomeadamente *“Do bibi ou então da barriga.”* e *“Pela vagina ou pela barriga (os médicos têm de cortar a barriga da mãe).”* Os termos “bibi”, “hospital” e “tubinho” não são os mais corretos. Segundo Robert (2006, p. 24) importa que “as pessoas saibam os nomes exatos dos órgãos sexuais e que utilizem essas palavras. Assim, poderemos compreender-nos melhor, porque estaremos a falar das mesmas coisas, usando as mesmas palavras”. Foi ainda

possível concluir que a maioria das crianças fazia incorretamente referência à vagina como sendo o órgão sexual externo feminino, não distinguiam o conceito de género e sexo, não diferenciavam órgão e célula sexual e não identificavam o sexo através dos órgãos sexuais.

2. Relativamente à existência ou inexistência de diálogos com as famílias sobre sexualidade e reprodução humana, N=7 das crianças disseram que nunca conversaram com o/a pai/mãe sobre o tema, o que, de certa forma pode explicar a falta de informação nas respostas ao questionário inicial. Apenas metade dos inquiridos afirmou ter questionado a família acerca do tema, mas somente N=2 obtiveram resposta às suas dúvidas. Na justificação à ausência de resposta às dúvidas, houve crianças a referir o seguinte: *“Os meus pais não quiseram falar sobre isso.”*, *“Estavam a fazer outras coisas.”* e *“Porque dizem que as crianças não devem, saber nada sobre este assunto.”* Estas respostas denotam a existência de «uma abordagem infeliz entre uma Mãe ou um Pai e uma filha, marcada pela triste frase maternal “ainda és muito nova para essas coisas”» (Paiva & Paiva, 2002, p. 33). Tal como acontece com a maioria das famílias participantes neste estudo, “é necessário sensibilizar os pais para que não tenham o comportamento da avestruz, escondendo a cabeça na areia à espera que alguém faça ou que entretanto passe” (Ribeiro, 2006, p. 57).

A auscultação das famílias permitiu concluir que a maioria das crianças nunca questionou os/as pais/mães sobre sexualidade e reprodução humana. Porém, apesar de uma pequena percentagem de pais/mães dialogarem com os/as filhos/as, a maioria garante sentir-se à vontade em conversar sobre sexualidade e reprodução humana, considerando imprescindível que as crianças tenham conhecimentos sobre o tema, bem como saber as “coisas” tal como elas existem na realidade. Para Sampaio (1987, p. 45), “os pais e os professores devem mostrar-lhes que é possível falar aberta e pragmaticamente acerca das relações sexuais e também acerca das relações emocionais e sociais com elas relacionadas”.

Após a implementação do projeto em sala de aula a frequência das conversas com a família sobre sexualidade e reprodução humana, teve alterações pouco significativas, verificando-se apenas um aumento das dúvidas feitas pelas crianças aos/às pais/mães e uma maior disponibilidade por parte de algumas famílias em colaborar com a educação sexual dos/as seus/suas filhos/as. No entanto, alguns familiares mantêm ainda a ideia de que crianças destas idades não devem ter demasiada informação sobre o tema. “É uma ilusão acreditar que a comunicação sobre sexo/sexualidade deixou de ser um tabu.” (Pereira, 2006, p. 16) É desta forma que entra a escola com um papel muito importante, garantindo a educação sexual de cada criança. «Família e Escola são suportes indispensáveis (entre outros) para uma Educação Sexual informativa/formativa, conducentes à formação de jovens responsáveis por si e pelo “outro”.» (Pereira, 2006, p. 12)

3. Conclui-se, ainda que o impacto da intervenção em sala de aula foi bastante compensador, na medida em que se verificou uma certa evolução e aprendizagem de novos conhecimentos. “É sabido que a sexualidade humana desperta uma forte carga emocional e um grande interesse nos alunos, predispondo-os para trabalhar o tema.” (ME/MS, 2000, p. 40) Ao longo das diversas sessões dinamizadas, as crianças mostraram-se muito empenhadas e motivadas a aprender e descobrir novos conceitos e significados a partir de outros. A oportunidade de pesquisa e envolvimento das crianças na sua própria aprendizagem é uma mais-valia para que os conhecimentos façam mais sentido. As crianças aprenderam: a diferença entre género e sexo; a constituição, localização e função dos órgãos e células sexuais masculina e feminina; o local onde ocorre a gestação e qual a sua duração; de onde vem a menstruação; a distinção entre órgãos sexuais internos e externos; a composição do sêmen e o papel que desempenha após a entrada na vagina da mulher; o processo de fecundação, gestação e parto; a função do cordão umbilical durante a gestação; a distinção entre parto normal, por cesariana ou fórceps; alguns métodos contraceptivos; as diferentes formas de amor e a limitar a exposição dos genitais. A distinção entre género e sexo, células e órgãos sexuais foram dos conceitos mais difíceis de perceber pelas crianças. Contudo, ao longo das sessões, as

crianças conseguiram desmistificar o conceito de vagina. “Se a sexualidade faz parte integrante de cada um de nós, acompanhando-nos para todo o lado, excluí-la da escola, seria atrofiante e desintegrador do crescimento dos mais novos, tanto mais se pensarmos que é na escola que passam a maior parte do seu tempo, assim como é lá que surgem e se vivem muitos dos seus afetos” (Paiva & Paiva, 2002, p. 36).

Os resultados do questionário, após a intervenção na aula, permitiram concluir, por um lado, que as crianças conseguiram maior precisão nas explicações dadas, demonstrando algumas evoluções na utilização dos termos cientificamente aceites, tendo havido uma enorme capacidade de compreensão e transposição dos conhecimentos abordados. Por outro lado, verificou-se uma certa confusão entre conceitos, nomeadamente entre as crianças que apresentavam algumas dificuldades de aprendizagem. Tal facto foi provavelmente devido à sobrecarga de informação num curto período de tempo. Este último aspeto verifica-se nas seguintes respostas: “*Os bebés vêm do óvulo da mulher.*”, “*Um bebé permanece 12 meses na barriga da mãe.*”, “*O bebé sai do corpo da mãe através do cordão umbilical.*” e ainda na resposta onde se afirma que o bebé come e respira dentro da barriga da mãe “*Através da vulva.*” Ao contrário das respostas obtidas antes da implementação do projeto de intervenção, as respostas ao último questionário mencionam corretamente os nomes das células sexuais, tanto femininas como masculinas, aprendidos ao longo das sessões. Após a intervenção realizada em sala de aula, as crianças revelaram maior precisão no tempo de permanência do bebé dentro da barriga da mãe considerando também os bebés prematuros; assimilaram o nome e função do “*tubo*” que liga a mãe ao bebé, o cordão umbilical e utilizaram conceitos cientificamente corretos relativamente ao parto, admitindo a cesariana e o parto normal.

4. A maioria dos/das pais/mães considerou a abordagem sobre sexualidade no 1º CEB positiva para o desenvolvimento da criança mantendo também as famílias informadas e servindo-lhes de apoio às respostas perante dúvidas frequentemente colocadas. Porém, N=3 dos/das pais/mães admite que as crianças do 1º CEB

ainda não se encontram no momento certo para terem conhecimentos nesta área, como é o caso, *“São muito novos para se falar na escola deste assunto.”*, *“Deve ser explicada às crianças de acordo com a sua maturidade.”* e *“Concordo que este tema seja abordado apenas no 4º ano porque é nessa altura que as crianças conseguem perceber melhor a questão da sexualidade.”* A educação sexual é indispensável às crianças, elas têm o direito inquestionável de serem esclarecidas pelas educadoras/es, professoras/es bem como pelos/pelas pais/mães, encarregados/encarregadas de educação e toda a comunidade educativa tanto mais que hoje todas as crianças estão muito mais expostas a múltiplos estímulos informativos sexuais oriundos dos media (Pereira, 2006, p. 15). Os conhecimentos mencionados pelos/as pais/mães na sua maioria não pormenorizam os conteúdos de sexualidade e reprodução humana, referindo-se a aspetos muito simples e vagos, nomeadamente, *o processo de conceção; o respeito pelo semelhante; a função reprodutora; a prevenção de doenças e gravidezes indesejadas*. Para algumas famílias importa alertar as crianças em meio escolar sobre os perigos que envolvem a sexualidade, considerando relevante que exista uma abordagem adequada do tema.

Conclui-se ainda que, ter tido oportunidade de abordar ao longo da formação académica, conteúdos de educação sexual permitiu despertar maior interesse pelo desenvolvimento do projeto de intervenção-investigação com crianças do 1º CEB. O facto de o ter implementado consciencializou sobre a importância e pertinência da abordagem desde cedo, nomeadamente, a partir do jardim-de-infância. A vivência deste projeto deu alento para, no futuro, se vier a trabalhar em creche/jardim-de-infância e/ou 1º CEB (como espero e desejo), vir a eleger a temática da Educação em Sexualidade, introduzindo-a nas aulas como qualquer outro conteúdo, sem receios e tabus.

1. Limitações do estudo

Ao longo do estudo surgiram diversas limitações que colocaram por vezes em causa o desenrolar da investigação e da intervenção em sala de aula.

Além das aulas descritas no ponto 2. (sequência didática e recolha de dados), foram planificadas mais duas sessões (ANEXO XV) nas quais seriam aprofundados os conceitos de gestação e de parto, todavia não houve tempo para as desenvolver. Assim, as sessões planeadas eram na sua totalidade oito, porém a quinta e a sexta aula não puderam ser concretizadas, devido à ausência de tempo e à programação das atividades da escola.

Uma outra limitação foi o curto período de tempo disponibilizado para o desenvolvimento da investigação. Este facto manifestou-se, sobretudo, em crianças com dificuldades de aprendizagem, tendo sido evidente, após a intervenção, a persistência de algumas conceções. Assim, certos conceitos e significados não ficaram bem aprendidos, sendo necessário mais sessões para esclarecer dúvidas e sistematizar conhecimentos.

2. Sugestões para futuros projetos de intervenção-investigação

Em futuros projetos de intervenção-investigação, sugere-se que a Educação em Sexualidade se desenvolva em cooperação com as famílias. Por outro lado considera-se que a abordagem à sexualidade possa ter continuidade ao longo da escolaridade, devendo mesmo iniciar-se no pré-escolar. “O processo de desenvolvimento da sexualidade começa antes do nascimento e só termina com a morte. Ela é, pois, parte integrante da vida de todos nós. Não existem compartimentos estanques na sexualidade, existe, sim, um *continuum*, um percurso, vivido desde que se nasce até que se morre” (Pereira, 2006, p. 20).

Torna-se relevante realizar novos estudos e trabalhos acerca das concepções das crianças e das opiniões das famílias em torno da sexualidade e da reprodução humana, com o objetivo de perceber o quão importante é esta abordagem deste cedo.

Em Portugal, existe legislação, a lei Nº60/2009 e a Portaria 196 –A/2010 que permite garantir a abordagem de conteúdos de Educação Sexual nos 1º CEB/2º CEB/3º CEB e Ensino Secundário, pelo que importa que os/as docentes tenham formação científica e científico-didática adequada para poderem tratar conteúdos do currículo. É de salientar que a implementação de unidades curriculares que abordem a sexualidade e reprodução humana na formação de professores/as é da responsabilidade das instituições de ensino superior, pelo que a oferta formativa de unidades curriculares de sexualidade e educação na formação docente deverá ser generalizada, embora tal ainda não se verifique.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Bello, P., Dolto, C. e Shiffmann, A. (1984). *Contracepção, Gravidez e Aborto*. Publicações Dom Quixote. Lisboa.
- Cevallos-Neira, A. C. e Jerves- Hermida, E. M. (2014). Educación sexual para mi hijo e hija de preescolar (3-5 años) Percepciones de padres y madres de família. *Revista Electónica Educare*, vol 18 setiembre- diciembre, 91 – 110. Doi: <http://dx.doi.org/10.15359/ree.18-3.6>
- Cortês, I., Silva, M. e Torres, M. (2005). *Educação para uma Sexualidade Humanizada, Guia para professores e pais*. 2ª edição. Edições Afrontamento. Porto.
- Direção-Geral da Saúde (2001). *Sexualidade Planeamento Familiar e Reprodução*. 6ª edição. Direção-Geral da Saúde. Lisboa.
- Flanagan, G. (1996). *O Princípio da Vida*. Civilização Editora. Barcelos.
- Furlani, J. (2011). *Educação Sexual na Sala de Aula*. Autêntica Editora. Brasil.
- Haffner, D. (2005). *A criança e a Educação Sexual*. 1ª edição, Editorial Presença. Lisboa.
- Harris, R. (2004). *Vamos falar de Sexo*. 4ª edição, Terramar. Lisboa.
- Heffer, L. (2001). *Compêndio da Reprodução Humana*. Instituto Piaget. Lisboa.
- Marques, A., Vilar, D. e Forreta, F. (2002). *Educação Sexual no 1º Ciclo-Um Guia para Professores e Formadores*. 1ª edição, Texto Editora. Lisboa.

Ministério da Educação (2009). *Estabelece o regime de aplicação da educação sexual em meio escolar: Lei Nº 60/ 2009 de 6 de agosto*. Diário da República, 1ª Série – Nº 151.

Ministério da Educação (1990). Programa de Estudo do Meio do 1º Ciclo do Ensino Básico. Lisboa: Direção Geral do Ensino Básico e Secundário.

Ministério da Saúde e da Educação (2000). *Educação Sexual em Meio Escolar - Linhas orientadoras*. Ministério da Educação e Ministério da Saúde, 1ª Edição.

Ministério da Saúde e da Educação (2010). *Portaria Nº 196- A/2010 de 9 de abril*. Diário da república, 1ª Série – Nº 69.

Paiva, J. e Paiva, J. (2002). *Sexualidade e Afetos – para pais, professores e educadores*. 1ª edição, Plátano Editora. Lisboa.

Pereira, M. (2006). *Guia de Educação Sexual e Prevenção do Abuso*. 2ª edição, Pé de Página Editores. Coimbra.

Portugal, G. e Laevers, F. (2011). *Avaliação em Educação Pré-escolar Sistema de Acompanhamento das Crianças*. Porto Editora. Porto.

Rabello, S. H. (2012). *Sexualidade, Gênero e Pedagogias Culturais: Representações e Problematizações em Contexto Escolar*. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” Campus de Bauru: Faculdade de Ciências.

Ribeiro, T. (2006). *Educação da Sexualidade na Escola: Um treino de competências*. Casa do Professor. Braga.

Robert, J. (2006). *A minha sexualidade dos 6 aos 9 anos*. 1ª edição, Porto Editora. Porto.

Sampaio, M. (1987). *Escola e Educação Sexual*. Livros Horizonte. Lisboa.

- Silva, M. (2017). *A Sexualidade explicada aos mais novos*. 1ª edição, Booksmile. Amadora.
- Teixeira, M. (1999). *Reprodução Humana e Cultura Científica: um percurso na formação de professores*. Departamento de Didática e Tecnologia Educativa: Universidade de Aveiro.
- Uslander, A. e Weiss, C. (1997). *Como responder às perguntas sobre sexo*. 1ª edição, Plátano Edições Técnicas. Lisboa.
- Vale, A. (2017). *Fases do Trabalho de Parto Normal*. Acedido a 12 de outubro 2017, em <https://www.maemequer.pt/estou-gravida/parto/trabalho-de-parto/fases-do-trabalho-de-parto-normal/>
- Veiga, L., Teixeira, F. e Couceiro, F. (2001). *Menino ou Menina – eis a questão*, Livro do Professor Vol. II. 1ª edição, Plátano Editora. Lisboa.
- Vilar, D. (2003). *Falar disso. A Educação Sexual nas famílias dos adolescentes*. Edições Afloramento. Porto.

APÊNDICES

APÊNDICE I – Consentimento Informado

Consentimento informado

Eu, Marisa Alexandra Simões Cardoso, aluna estagiária da Escola Superior de Educação de Coimbra do 2º ano do curso de Mestrado de Educação Pré-escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico encontro-me a realizar um projeto sobre Sexualidade e Reprodução Humana no 1º CEB.

Pretendo administrar questionários às crianças e aos/às pais/mãe e/ou aos/às encarregados/as de educação pelo que venho pedir o seu consentimento para o fazer. Os questionários são anónimos e os dados recolhidos serão apenas para fins investigativos.

Agradeço que preencha, por favor, o seguinte destacável.

Eu, _____(nome do/a
encarregado/a de educação), encarregado de educação do/a aluno/a
_____ fui informado/a e
consisto/não consinto (riscar o que não interessa) a resposta aos questionários para fins
investigativos.

APÊNDICE II – Projeto de intervenção no 1º CEB

Questionário aos/às alunos/as - diagnóstico de concepções sobre a sexualidade e reprodução humana.

Questionário aos/às pais/mães sobre eventuais conversas com os/as filhos/filhas acerca do tema.

Intervenção em sala de aula partindo das concepções e dúvidas das crianças confrontando-as com o saber científico aceite.

Novo questionário aos/às alunos/as algum tempo após a intervenção.

Questionário de satisfação aos/às pais/mães acerca de possíveis abordagens pelos/as filhos/as a respeito da intervenção realizada em sala de aula.

APÊNDICE III – Calendarização das sessões**CALENDARIZAÇÃO DAS AULAS DO 1º CEB SOBRE SEXUALIDADE E REPRODUÇÃO HUMANA****Número de alunos/as: 10****Ano de escolaridade: 3º e 4º**

MÊS	DIA DA SEMANA	DIAS			
MARÇO	Segunda-feira	6		27	
ABRIL	Segunda-feira		24		
MAIO	Segunda-feira	8	15	22	29

1. Levantamento das concepções dos/as alunos/as

6 de Março - Administração dos questionários às crianças dos 3º e do 4º anos de escolaridade

2. Auscultação de pais/mães acerca da abordagem sobre Sexualidade e Reprodução Humana no 1ºCEB

27 de Março – Implementação dos questionários aos/às pais/mães [a serem enviados através dos/das alunos/as].

3. Sequência da intervenção prática em sala de aula (participação de toda a turma na dinamização das aulas planeadas pela professora estagiária)

3.1 Identificação do sexo - 24 de abril (5h)

- ♂♀ Contorno do corpo de um aluno e de uma aluna em papel de cenário.
Trabalho em pares onde um serve de molde e o outro contorna o corpo com caneta preta.
- ♂♀ Juntam-se todos os contornos e pergunta-se às crianças quais os que correspondem a meninas e os que correspondem a meninos, de modo a identificar o sexo feminino e o sexo masculino.
- ♂♀ Após a identificação dos sexos, os/as alunos/as fazem a decoração dos corpos com recurso a vestuário e adereços variados.
- ♂♀ Identificação e colocação dos órgãos sexuais visando a distinção do sexo dos diferentes corpos.
- ♂♀ Conhecimento da constituição de cada um dos órgãos sexuais externos e internos, feminino e masculino. Legendagem e localização de cada um dos constituintes dos órgãos sexuais externos e internos.

3.2 Confronto das respostas dos/as alunos/as com o saber científico aceite – 8 de maio (5h)

- ♂♀ As perguntas e as respostas dos questionários são apresentadas aos/às alunos/as, uma a uma, em PowerPoint.
- ♂♀ Discussão na turma sobre a(s) resposta(s) que pensam ser a(s) mais adequada(s) à questão.
- ♂♀ Pesquisa, em pequenos grupos, das respostas a cada uma das questões propostas no questionário, que suscitaram dúvidas, recorrendo a livros e à internet, fornecidos e/ou indicados pela professora estagiária.
- ♂♀ Comunicação das respostas encontradas à turma, através do porta-voz de cada um dos grupos.

3.3 Diferentes tipos e formas de amar – 15 de maio (1h30min)

- ♂♀ A turma é dividida em 2 grupos, sendo distribuídos, a cada grupo, cartões com imagens de diferentes tipos de amor.

- ♂ Os/as alunos/as terão de observar, a pares, as imagens, fazendo posteriormente uma síntese.
- ♂ Partilha de ideias na turma e conclusão, pela professora estagiária, sobre as imagens, alvo de reflexão.
- ♂ Devido ao amor e ao facto de estarem apaixonadas, duas pessoas podem decidir ter filhos/as. Fazer a ponte para o tema da fecundação.

3.4 Fecundação – 15 de maio (1h30min)

- ♂ Leitura e interpretação do livro “*A Joanelha quer ter um bebé...*” de Thierry Lenain e Delphine Durand.
- ♂ Explicação do processo de fecundação através de imagens que serão posteriormente organizadas e colocadas num dos corpos contornados do sexo feminino.

3.5 Gestaçāo – 22 de maio (1h30min)

- ♂ Leitura e interpretação do livro “*Como é que ele foi para aí dentro?*” de Ilan Brenman.
- ♂ A partir das fases de gestaçāo, as criançās terão de as colocar, ordenadamente, próximo do corpo contornado do sexo feminino. Discussāo sobre a média do tempo de gestaçāo de um novo ser.
- ♂ Visualizaçāo do vídeo
<https://www.youtube.com/watch?v=mg9son8HQQc>

3.6 Parto – 22 de maio (1h30min)

- ♂ Observaçāo de imagens representativas de diferentes fases do parto: contraçāo, dilataçāo e expulsāo (do feto com cordāo umbilical e da placenta).
- ♂ Questionar os/as pais/māes sobre qual o tipo de parto pelo qual nasceram, bem como a explicaçāo de todas as suas fases. Diferentes tipos de parto: normal, forceps, por cesariana.

4. Avaliação do impacto da intervenção nos/as alunos/as

29 de maio - Nova administração do questionário individual às crianças de modo a perceber se houve (ou não) aprendizagem da temática.

5. Avaliação do impacto da intervenção nas famílias

29 de Maio - Nova implementação do questionário individual aos/às pais/mães de modo a perceber se a intervenção da professora estagiária com as crianças do 1ºCEB, gerou (ou não) impacto, entusiasmo e à vontade nas conversas em família.

APÊNDICE IV – Questionário às crianças do 1º CEB

QUESTIONÁRIO AOS/ÀS ALUNOS/AS⁴

Este questionário foi realizado no âmbito do projeto de intervenção final do 2º ano de Mestrado de Educação Pré-escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico. Tem como tema central Sexualidade e Reprodução Humana e pretende conhecer as ideias que os/as alunos/as do 3º e 4º ano da Escola E.B. 1 têm acerca deste assunto. Estes dados serão importantes para a elaboração do meu relatório final de Mestrado e, por isso, solicito a tua colaboração. Agradeço que respondas a todas as questões com sinceridade.

Idade: _____

Sexo: Menina ☐

Menino ☐



1- De onde vêm os bebés?

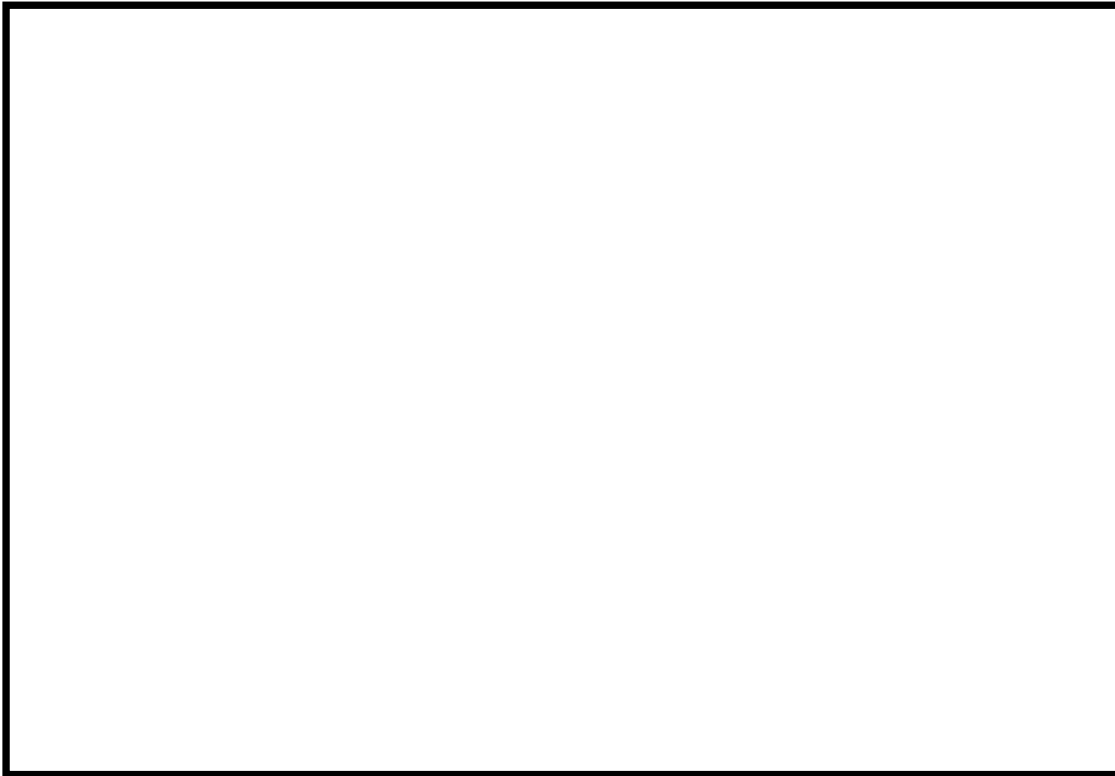
2- Como se faz um bebé?

⁴ Questionário adaptado de Teixeira, Filomena (2000). *Reprodução Humana e Cultura Científica: um percurso na formação de Professores/as*. [Tese de Doutoramento]. Universidade de Aveiro.

3- Quanto tempo permanece um bebé dentro da barriga da mãe?

4- Como é que o bebé come e respira dentro da barriga da mãe?

5- Faz um desenho como julgas que estavas dentro da barriga da tua mãe.
(Não te esqueças de legendar o teu desenho).



6- Como é que o bebé sai do corpo da mãe?

7- A tua mãe ou o teu pai já alguma vez conversaram contigo sobre este tema?

8- Em alguma ocasião questionaste a tua mãe ou o teu pai sobre este assunto?

SIM ☐

NÃO ☐

A) Se SIM, quais eram as tuas dúvidas?

B) O teu pai ou a tua mãe esclareceram-te as dúvidas?

SIM ☐

NÃO ☐

C) Porquê?

OBRIGADA PELA TUA COLABORAÇÃO!

APÊNDICE V – 1º Questionário implementado às famílias**QUESTIONÁRIO AOS/ÀS PAIS/MÃES**

Este questionário foi realizado no âmbito do projeto de intervenção final do 2º ano de Mestrado de Educação Pré-Escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico. Tem como tema central Sexualidade e Reprodução Humana e pretende conhecer a forma como os/as pais/mães dos/as alunos/as do 3º e 4º ano abordam os/as seus/suas filhos/as acerca deste assunto. Estes dados serão importantes para a elaboração do meu relatório final de Mestrado e, por isso, solicito a vossa colaboração. Agradeço que responda a todas as questões com sinceridade.

Idade: _____

Mãe ☐

Pai ☐



1. Em alguma ocasião o/ seu/sua filho/a o/a questionou acerca da sexualidade?

Sim ☐

Não ☐

1.1. Se sim, refira, por favor, o tipo de questão/dúvida que lhe foi colocada

1.2. Como respondeu à questão/dúvida?

(Assinale, por favor, com um X ou preencha o espaço em branco).

___ Não respondi

___ Respondi abertamente

___ Desviei o assunto, dizendo que, quando crescer, irá saber mais

___ Remeti para o pai/mãe

___ Outra. Indique qual _____.

1.3. Considera que respondeu de forma clara de modo a esclarecer a questão/dúvida do seu/sua filho/a?

Sim ☐

Não ☐

2. Sente-se à vontade para abordar esta temática com o/a seu/sua filho/a?

Sim ☐

Não ☐

Porquê? _____

3. Qual a sua opinião acerca da abordagem sobre a sexualidade no 1º ciclo do ensino básico?

4. Perante os conhecimentos que possui acerca da sexualidade, o que considera ser importante que as crianças aprendam, tendo em conta a faixa etária que se encontram?

OBRIGADA PELA SUA COLABORAÇÃO!

APÊNDICE VI – Planificação da 1ª sessão

Plano de Aula Identificação do sexo

Número de alunos/as: 10

Ano de escolaridade: 3º e 4º

Propósitos da atividade

- Reconhecer o sexo a partir de silhuetas de ambos os sexos;
- Identificar o sexo de acordo com os órgãos sexuais de cada indivíduo.
- Conhecer os órgãos sexuais femininos e masculinos;
- Destacar os constituintes dos órgãos sexuais internos e externos, feminino e masculino

Recursos materiais e/ou humanos

- 5 Papéis de cenário de iguais dimensões;
- Marcadores pretos;
- Roupas e adereços, variados, característicos de cada um dos sexos;
- Placas com a legenda dos órgãos sexuais, femininos e masculinos;
- Representação dos órgãos sexuais do sexo feminino e do sexo masculino.

Espaços/ Organização da turma

A atividade será realizada no chão da sala, de modo a que consigamos fazer um trabalho em grande escala. Ao longo desta atividade as crianças irão trabalhar a pares.

Descrição da atividade

Em aulas anteriores a professora/investigadora solicitou às crianças que levassem para a escola roupa e adereços variados que já não usassem. A professora/investigadora inicia a atividade com a formação de grupos de 2 alunos/as. De seguida, propõe que 1 das crianças desenhe a silhueta da outra. Antes de iniciar a atividade é importante verificar o número de meninas e meninos que vão ser contornadas/os para que seja um número equilibrado. Em papel de cenário (5 papéis de cenário de iguais dimensões) uma das crianças deita-se e a outra com marcador preto delinea a sua silhueta. Após a elaboração das silhuetas, estas serão misturadas sem qualquer identificação sendo que o objetivo é que as crianças reconheçam os

meninos e as meninas. De seguida, irão proceder à sua decoração com as roupas e adereços trazidos de casa. Seguidamente, em diálogo na turma pretende-se que as crianças se apercebam que a identificação dos sexos, feminino e masculino, não se faz a partir das roupas ou adereços, mas sim através do sexo que possuímos. Seguir-se-á a apresentação à turma das representações dos órgãos sexuais internos e externos do homem e da mulher. Desta vez, a turma será dividida em 3 grupos que procederão à legendagem dos órgãos sexuais, através de placas facultadas pela professora/investigadora. Nesta tarefa haverá recurso a alguns livros, a fim de apoiar as crianças a legendar as imagens. As imagens serão, posteriormente, colocadas em duas das silhuetas, uma feminina e outra masculina, à escolha das crianças. De forma a explicitar a função de cada constituinte no sistema reprodutor do homem e da mulher será apresentada uma sistematização, em PowerPoint. No final será feita uma reflexão conjunta sobre o que aprenderam, dando tempo para as crianças poderem tirar eventuais dúvidas que possam existir.

Verificamos que ...



1 - Decoração das silhuetas

A primeira aula teve como enfoque a reflexão e descoberta acerca da distinção de sexo.

Inicialmente, as crianças identificaram os meninos e as meninas da seguinte forma: *“Sei que este é um rapaz porque aquelas são as sapatilhas do Pedro, parecem os sapatos de um duende.”*

(A2M) Através de um diálogo em grande grupo verifiquei que era através das roupas, do tamanho do cabelo e adereços que as crianças distinguiam

os dois sexos. Concluindo mais tarde, que ambos os sexos podem usar as mesmas roupas, cabelos e adereços e a determinada altura um menino do 4º referiu que era através do pénis e da vagina que podíamos identificar o sexo de cada indivíduo. Este momento de descoberta, permitiu à professora/investigadora corrigir a criança, e explicar a diferença entre a vagina e a vulva, bem como qual o termo que deve ser utilizado neste contexto. Apesar da enorme dificuldade que as crianças tiveram em pronunciar a palavra, demonstraram em questões posteriores, ter entendido a explicação. Seguidamente, foram apresentadas às crianças duas representações dos



2 - Pesquisa
constituintes dos órgãos

órgãos sexuais feminino e masculino. A identificação de cada um deles foi difícil e o desconhecimento de cada constituinte era evidente. Porém, foram as crianças que pesquisaram essa mesma informação e legendaram cada uma das representações. Numa fase seguinte, além da correção das legendas, foi explicitada a função e importância de cada um deles, assim como a distinção entre sexo e género. Uma das preocupações era informar de uma maneira natural, verdadeira e clara,

pois as crianças não querem respostas muito complicadas e muito complexas, mas sim curtas, simples e práticas.



3 - Colagem do órgão sexual
feminino

No momento da colagem das representações dos órgãos sexuais nas silhuetas surgiu um assunto muito pertinente e que foi também discutido entre as crianças, nomeadamente o facto de apenas mostrarmos os nossos genitais “só aos pais” (A5M) “e aos

irmãos” (A4M).



4- Colagem do órgão sexual
masculino

No final desta aula, no momento de reflexão, a maioria das crianças sabia responder às questões e sabia localizar os constituintes dos órgãos sexuais na imagem, contudo algumas crianças tiveram dificuldade em distinguir os órgãos sexuais, internos e externos.

APÊNDICE VII - Planificação da 2ª sessão

Plano de Aula

Confronto das respostas das crianças com o saber científico aceite

Número de alunos/as: 10

Ano de escolaridade: 3º e 4º

Propósitos da atividade

-
- Confrontar as ideias prévias dos/as alunos/as com conceitos científicos aceites;
 - Apresentar as respostas às diversas questões do questionário, relativamente aos conceitos de fecundação, gestação e parto;
 - Aprofundar conhecimentos acerca dos temas fecundação, gestação e parto, para possibilitar uma melhor execução das atividades que se seguem.
-

Recursos materiais e/ou humanos

-
- PowerPoint;
 - Bibliografia sobre os temas em estudo;
 - Computador com acesso à internet;
 - Cadernos de registo.
-

Espaços/ Organização da turma

A atividade irá decorrer na sala de aula, inicialmente em grande grupo (discussão) e depois em pequenos grupos (pesquisa) - 2 grupos de 3 elementos e 1 grupo de 4 elementos.

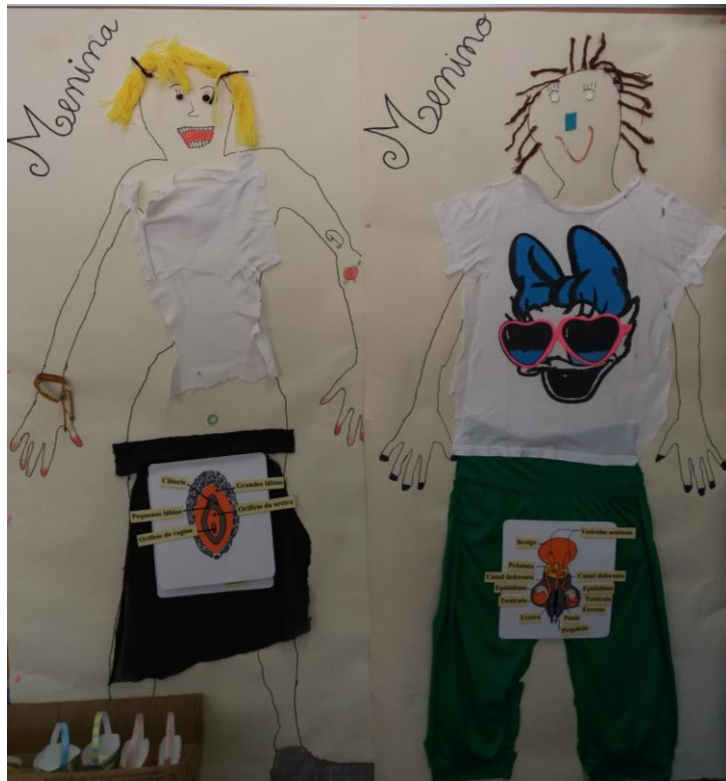
Descrição da atividade

No início desta aula será apresentado às crianças um PowerPoint com a sistematização dos conteúdos abordados na aula anterior (por ausência de tempo este PowerPoint não foi implementado). Seguidamente, foram apresentadas e analisadas pelas crianças, as questões do questionário e as respetivas respostas, uma a uma. Para cada questão as crianças irão, primeiramente, ler e analisar as respostas dadas ao questionário. Seguir-se-á uma discussão na turma (em grande grupo), onde serão confrontadas as diversas respostas. Deste confronto emergirão dúvidas sobre cada uma das temáticas (fecundação, gestação e parto), que darão lugar ao aparecimento de

questões-problema. Partindo das questões-problema, a professora/investigadora irá, então, constituir grupos de trabalho e sortear, o tema a pesquisar por cada um dos grupos. Assim, a partir dos materiais de pesquisa facultados pela professora/investigadora, nomeadamente, livros e sítios na internet, cada grupo terá de seleccionar a informação relativa ao tema que lhe foi atribuído a fim de responder à questão. Numa fase inicial, terão de reproduzir um desenho sobre o tema seleccionado e posteriormente um texto que explique o mesmo. Cada grupo irá eleger um porta-voz, responsável por comunicar à turma a informação recolhida sobre o tema. No final, a fim de sistematizar a informação sobre as temáticas abordadas, a professora/investigadora irá confrontar as ideias prévias dos/as alunos/as com conceitos científicos aceites.

Verificamos que ...

Retomando a aula anterior, as crianças foram questionadas sobre como é que identificávamos o sexo de um indivíduo e uma delas respondeu *“A partir dos órgãos sexuais, da menina que é a vulva e do menino o pénis. Não é pelo cabelo ou pelo que*



5- Trabalho concluído

vestimos como estão a dizer” (A1M). Ao analisarem a primeira imagem do PowerPoint que tinha apenas caras de meninos e meninas, a professora/investigadora questionou *“Como sabemos quais os meninos e quais as meninas?”*. As crianças debateram este assunto com as seguintes afirmações: *“Os meninos não sorriem dessa forma”*

(A10M); *“Porque aquele*

tem mais estilo” (A4M); *“Eu ia dizer que era por causa dos óculos mas qualquer menino também pode utilizar óculos”* (A8F). Após reformulação da questão inicial,

houve uma criança que respondeu “*Não, porque não estamos a ver os seus órgãos sexuais*” (A1M).

Acerca da constituição dos órgãos sexuais, a professora/investigadora questionou: “*Porque é que eu afirmo que os órgãos sexuais masculinos são o pénis e o escroto?*”. As respostas foram as seguintes, chegando mais tarde, à resposta pretendida: “*O pénis é o órgão exterior e o escroto é o órgão interior*” (A5M); “*O escroto faz parte do pénis*” (A8F); “*Porque estão pegados um ao outro*” (A4M); “*Não, são os dois externos*” (A2M).

Ao analisar a representação da vulva, foi questionado às crianças onde se encontra a vulva, surgindo várias ideias, tais como: “*Eu acho que é ali naquele buraco por que esta ali o orifício da vagina e depois por fora é que é a vulva*” (A1M); “*Eu acho que é o que está depois daquele buraco porque está ali uma seta a dizer orifício da vagina e depois isso é o órgão sexual interno e o externo está na outra parte*” (A2M); “*As setas (que apontavam para os constituintes da vulva) estavam dentro da vulva*” (A8F). A identificação de que toda aquela representação se tratava da vulva foi dada pela professora/investigadora.

Outra pergunta feita pela professora/investigadora durante a explicação das funções de cada constituinte dos órgãos sexuais foi “*O que é que se desenvolve dentro do útero da mulher?*” sendo a resposta: “*Uma criança*” (A6F). Seguidamente, surgiu uma questão por parte de uma criança “*É daí (útero) que vem a menstruação?*” (A8F) sendo que a primeira resposta a esta pergunta foi dada pela própria criança, antes da explicação da professora/investigadora. A explicação da menina foi “*É quando às vezes ainda se forma a cama do bebé só que seca e sai sangue*” (A8F), mencionando no final que teria sido a professora titular de turma que tinha dado esta mesma explicação.

A professora/investigadora questionou também “*Quais é que são as células sexuais da mulher?*” e averiguou que as crianças não tinham nenhuma ideia, tratando-se assim de um novo conceito introduzido em sala de aula. Tanto estas, como as células

sexuais do homem foram questionadas ao longo das aulas como forma de auscultar as aprendizagens. Apesar da dificuldade na pronúncia, ao longo do tempo verificou-se que os conseguiam distinguir corretamente.

Ao analisarem a representação dos órgãos sexuais do homem, uma criança questionou *“Porque é que o pénis e o escroto estão da mesma cor?”* (A4M) e as respostas dadas pelos colegas foram: *“Porque fazem parte do mesmo”* (A2M); *“São órgãos sexuais externos”* (A1M).

Após a abordagem de todos os conceitos ao nível dos constituintes dos órgãos sexuais masculino e feminino, a professora/investigadora fez um conjunto de perguntas orais em jeito de síntese, nomeadamente, *“Qual a parte do órgão sexual feminino onde a mulher tem uma sensação boa?”* e as crianças responderam com muita perspicácia e com alguma dificuldade em pronunciar a palavra: *“Tinha o tamanho de uma ervilha”* (A5M); *“Clitoris”* (A10M). Outra questão foi *“Quais as células sexuais do homem?”* e as respostas indicaram alguma confusão entre células e órgãos, por exemplo: *“O pénis”* (A9F); *“O escroto e os testículos”* (A5M); *“São os espermatozoides”* (A1M).

Seguidamente, foi explicada a constituição e saída do sémen, porém percebi de imediato que não tinha ficado bem claro para as crianças e em conversa uma criança exclamou *“Nós nem sabemos o que é o sémen!”* (A1M) tendo sido feita uma nova explicitação de forma mais clara e simples. As crianças tiveram muita dificuldade em perceber a constituição do sémen e a saída deste em momentos distintos da saída da urina, através da uretra.

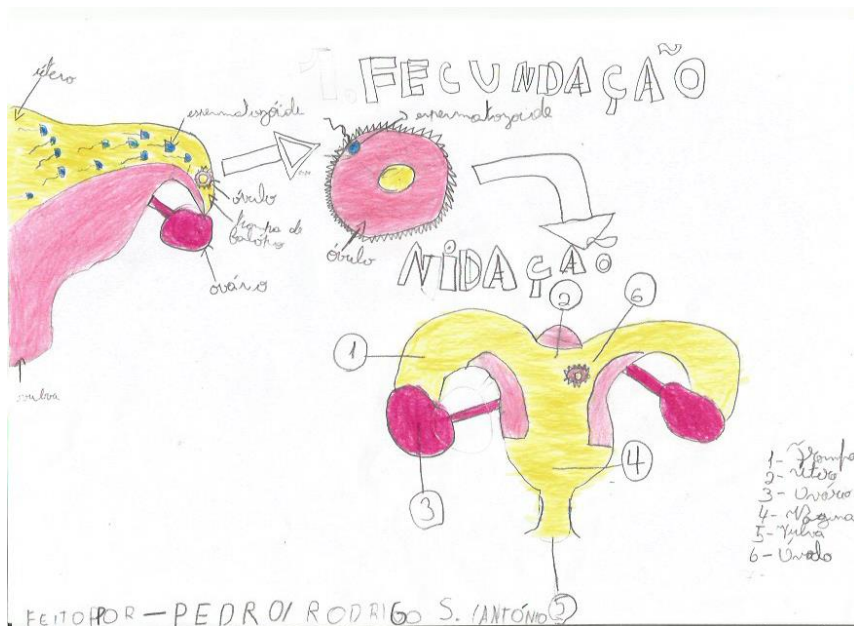
Foi ainda pedido às crianças que distinguissem vulva e vagina a partir das seguintes questões *“As mulheres têm vagina e vulva? Têm as duas?”* e as respostas foram as seguintes: *“Têm as duas”* (A4M); *“A vulva está no exterior e a vagina está no interior”* (A8F); *“A vulva é um órgão sexual que fica no exterior e a vagina é um órgão sexual interior”* (A1M). Como esta criança não explicitou qual o órgão sexual, um colega perguntou *“Mas é feminino ou masculino?”* (A10M) e esta criança respondeu *“feminino”* (A1M).

Ao longo das aulas as meninas mostravam-se mais reticentes e desinteressadas quanto ao assunto, pois apenas os meninos participavam e sabiam responder às questões propostas. Os meninos por vezes respondiam impulsivamente, sem colocar o dedo no ar, demonstrando entusiasmo em exhibir os conhecimentos aprendidos. Interrogámo-nos sobre a razão porque os meninos estavam mais envolvidos na aprendizagem do tema do que as meninas. Seria devido ao seu maior número na turma? Ou existiria outro motivo? Das quatro meninas pertencentes à turma apenas uma é mais desinibida, as restantes demonstram timidez e alguma dificuldade em participar em sala de aula, assim a postura mantém-se.

Antes de dar início à pesquisa em sala de aula, começou-se por perceber quais as concepções iniciais das crianças acerca dos temas a trabalhar, fecundação, gestação e parto. Através de algumas imagens destas fases da reprodução humana as crianças responderam à questão *“O que é a fecundação?”* e as respostas foram as seguintes: *“É o óvulo a evoluir para bebé”* (A2M); *“Aquela bolinha é um feijão, é um feijão que está a evoluir”* (A4M); *“É o corpo do bebé mas em minúsculo. Ele vai crescendo à medida que o tempo vai passando”* (A1M); *“O óvulo é isto, e o resto é o que está fora. Pode ser uma célula”* (A8F); *“O óvulo é uma célula”* (A1M); *“O óvulo já tem a mulher, é uma célula mas só que é da mulher, não é do homem”* (A10M); *“Quando o homem e a mulher fazem amor vêm várias células, o óvulo abre, as que chegarem primeiro ficam lá e as outras vão-se embora”* (A1M); *“Uma junta-se com a outra e fazem um bebé”* (A5M); *“Um espermatozoide a entrar num óvulo”* (A4M); *“Pode ser dois ou mais espermatozoides”* (A5M); *“Antigamente, as senhoras tinham muitos filhos”* (A9F); *“Tinham muitos filhos porque ainda não havia laboratórios”* (A8F). No seguimento desta discussão acerca do conceito de fecundação e da enorme quantidade de filhos que existia no passado, a professora/investigadora perguntou às crianças *“Como é que as vossas mães fazem para não ter tantos filhos?”* e as respostas foram: *“A minha mãe toma um remédio”* (A3M); *“A minha mãe fez uma operação que se chamava não sei o quê”* (A1M). Em diálogo percebeu-se que as crianças não conheciam os métodos contraceptivos nem sabiam quais as suas finalidades. Após uma breve explicitação as crianças ficaram encarregues de perguntar aos pais e às mães quais os métodos contraceptivos que utilizam e para que servem. No dia seguinte foi

feito este levantamento, sendo que a maioria referiu como método contraceptivo das mães a pílula.

Perante o levantamento de ideias, através de imagens, acerca da questão “O que é a gestação?” as respostas foram: “É o desenvolvimento do bebé” (A6F); “Porque é que eles estão tão corcundas na barriga da mãe?” (A10M); “O meu padrinho nem sequer quer nós demos uma festinha na cabeça à minha prima, porque a cabeça dela ainda é muito frágil” (A1M).



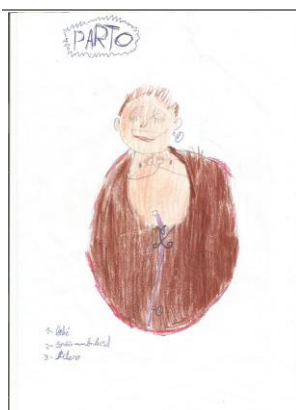
Para a pergunta “O que é o parto?” eis as respostas: “É quando o bebé nasce” (A9F) “O parto normal é quando o bebé sai por baixo” (A5M). Após um breve diálogo

6- Pesquisa sobre Fecundação



acerca deste conteúdo foi perceptível o reduzido conhecimento sobre o parto por cesariana, sendo que as ideias das crianças eram: “É quando o bebé

7 - Pesquisa sobre a Gestação



nasce pela barriga, abrindo a barriga” (A8F); “A mulher perde muito sangue” (A10M); “Os bebés saem cheios de sangue” (A4M) Durante as pesquisas as crianças puderam completar as suas ideias iniciais acerca da fecundação, gestação e parto. Nesse momento foi importante analisar a troca de ideias entre os diferentes elementos dos grupos. Ao desenhar um bebé no ventre da mãe e ao representar os seus

8- Pesquisa sobre o Parto genitais, uma criança disse “*É humilhante desenhar isso*” (A4M) Outra criança ao desenhar os espermatozoides no processo de fecundação afirmou “*Parecem girinos.*” (A1M) A sua ideia tem razão de ser. Segundo Robert (2011, p.42) “o espermatozoide é parecido com um girino minúsculo, produzido no interior dos testículos.”

APÊNDICE VIII – Planificação da 3ª sessão

Plano de Aula Diferentes tipos e formas de amor

Número de alunos/as: 10

Ano de escolaridade: 3º e 4º

Propósitos da atividade

- Conhecer diversas formas e tipos de amor;
- Reconhecer imagens relativas aos tipos e formas de amor;
- Compreender que duas pessoas apaixonadas podem decidir ter filhos/as.

Recursos materiais e/ou humanos

- Cartões com imagens que retratam o amor;

Espaços/ Organização da turma

Esta atividade irá decorrer na sala de aula com a turma dividida em 5 grupos de 2 elementos.

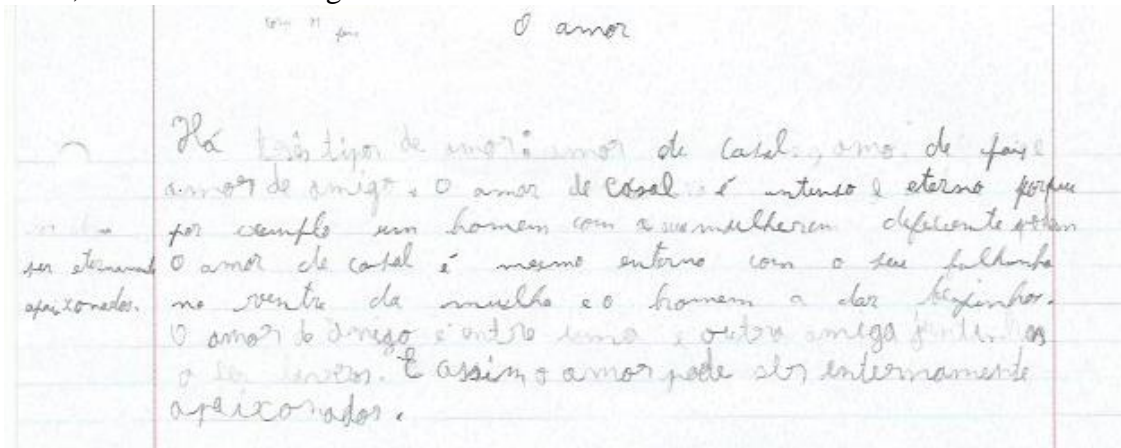
Descrição da atividade

Para dar início a esta atividade a professora/investigadora irá dividir a turma em grupos de 2 alunos/as. Distribuirá a cada grupo cartões com imagens de diferentes tipos de amor. Inicialmente, ambos os elementos do grupo terão de observar atentamente cada uma das figuras e, posteriormente, redigirem uma síntese sobre o que observam e pensam sobre o amor, descrevendo o que está retratado nas imagens.

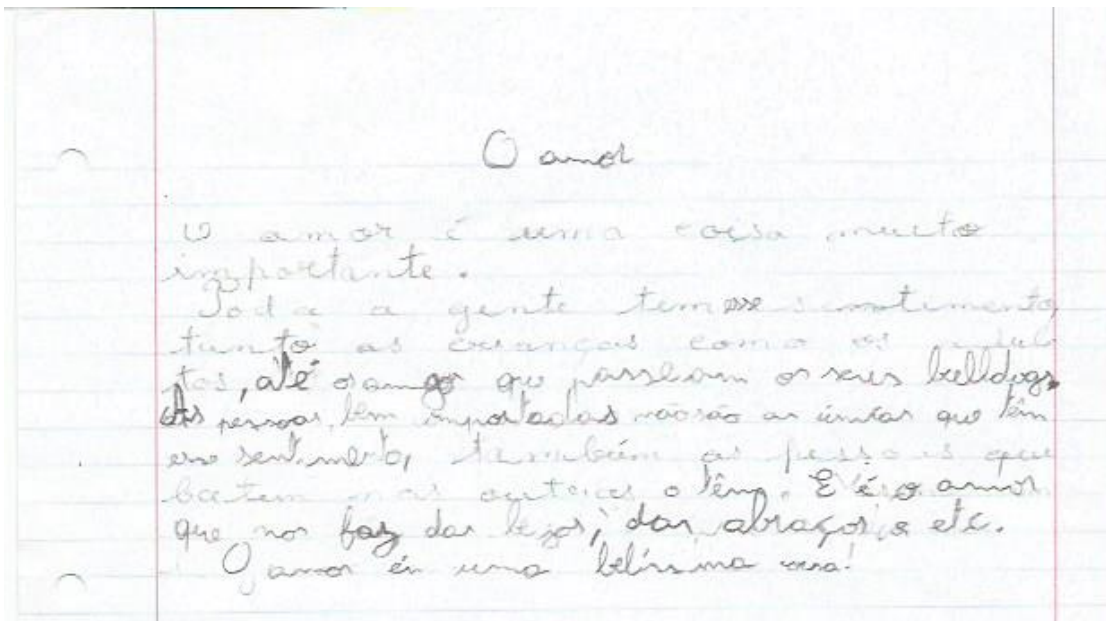
Seguidamente, ocorrerá a partilha de ideias na turma com a apresentação de todas as imagens, seguida da leitura das descrições elaboradas em pequeno grupo. Como forma de reflexão acerca do amor será feita, pela professora/investigadora, a sistematização do que aprenderam. Por fim, haverá um diálogo, em grande grupo, por forma a estabelecer a ligação entre a atividade realizada e a fecundação - próximo tema a desenvolver. Pretende-se que as crianças reconheçam que é devido ao amor e ao facto de duas pessoas estarem apaixonadas, que podem decidir ter filhos/as. Em diálogo na turma, surgirá a questão “Mas como é que se faz um bebé?”

Verificamos que ...

Outras aprendizagens foram feitas ao longo das aulas, nomeadamente as diferentes formas de amor, concluindo que existe amor entre pai/mãe e filho/a, menina e menina, assim como a importância deste no nosso dia-a-dia. A maioria das crianças tem conceções muito próximas da realidade relativamente ao amor. Os seus registos representavam e expressavam verdadeiramente o sentimento e a ideia do significado de amor, tendo em conta as gravuras observadas.



9 - Registos das crianças sobre os diferentes tipos de amor



10- Registos das crianças sobre os diferentes tipos de amor

APÊNDICE IX – Planificação da 4ª sessão

Plano de Aula Fecundação

Número de alunos/as: 10

Ano de escolaridade: 3º e 4º

Propósitos da atividade

- Interpretar uma história relacionada com o tema “fecundação”.
- Compreender o processo de fecundação.
- Organizar as fases do processo de fecundação.

Recursos materiais e/ou humanos

- Livro “*A Joanelha quer ter um bebé...*” de Thierry Lenain e Delphine Durand;
- Imagens do processo de fecundação;
- Imagem da silhueta feminina.

Espaços/Organização da turma

Esta atividade será realizada no chão da sala de aula, em grande grupo, para que todas as crianças possam ter a possibilidade de observar as imagens.

Descrição da atividade

A aula inicia-se com a leitura, pela professora/investigadora, do livro “*A Joanelha quer ter um bebé...*” de Thierry Lenain e Delphine Durand. Seguidamente, será feito em grande grupo o levantamento das ideias mais importantes da história de modo a perceber, mais pormenorizadamente, o seu conteúdo. A partir desta história surgirá a questão “*Como se faz um bebé?*” Haverá ainda recurso a uma série de imagens



relativas ao processo de fecundação, o objetivo é que as crianças analisem e ordenem. Para complementar a

11- Puzzle relativo ao processo de fecundação

informação apresentada através de imagens a professora/investigadora irá, em diálogo com as crianças, sistematizar o processo de fecundação. O conjunto de imagens,

devidamente ordenadas, será colocado numa das silhuetas femininas.

Verificamos que ...

A atenção e entusiasmo das crianças pela história foi notório, devido às questões colocadas posteriormente à audição da mesma. A história era muito clara e divertida captando o interesse das crianças e assim conseguiram compreender melhor a mensagem que queria transmitir. Porém, esta planificação não foi terminada, ficando apenas pela leitura e análise da história.

APÊNDICE X - 2º Questionário às famílias

QUESTIONÁRIO AOS/ÀS PAIS/MÃES E ENCARREGADOS/AS DE EDUCAÇÃO

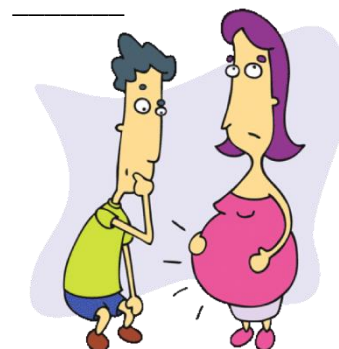
(APÓS A INTERVENÇÃO)

No âmbito do meu relatório final de Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico desenvolvi, com crianças do 3º e 4º anos, um projeto sobre Sexualidade e Reprodução Humana, do qual teve conhecimento e oportunidade de participar através do preenchimento de um questionário. Terminada a minha intervenção gostaria de saber a sua opinião sobre o impacto, no/a seu/sua educando/a, do projeto implementado, convidando-o/a a voltar a participar, preenchendo este questionário.

1. Considera que a intervenção havida durante o estágio teve impacto no interesse e motivação do seu/sua educando/a pela temática da Sexualidade e Reprodução Humana?

SIM ☐

NÃO ☐



1.1 Porquê?

2. A partir do momento que o projeto começou a desenvolver-se na escola, notou alguma diferença no seu/sua educando/a, em casa, ao nível das conversas informais sobre a temática?

SIM ☐

NÃO ☐

2.1 De que forma?

[pode assinalar 1 ou mais opções]

- ☐ Passou a ser tema de conversa em casa.
- ☐ Maior número de questões/dúvidas sobre o tema.
- ☐ Maior rigor na linguagem - utilização correta de palavras e/ou termos científicos.
- ☐ Aumento do vocabulário a respeito do tema.
- ☐ Outra(s). Indique p.f. _____

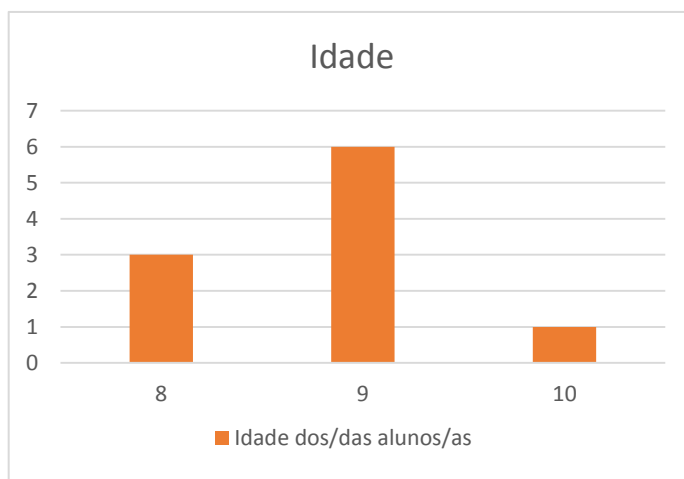
2.2 Caso tenha notado alguma diferença no seu/sua educando/a, relativamente à temática que estava a ser abordada, queira, por favor, dar exemplo (s).

OBRIGADA PELA SUA COLABORAÇÃO!

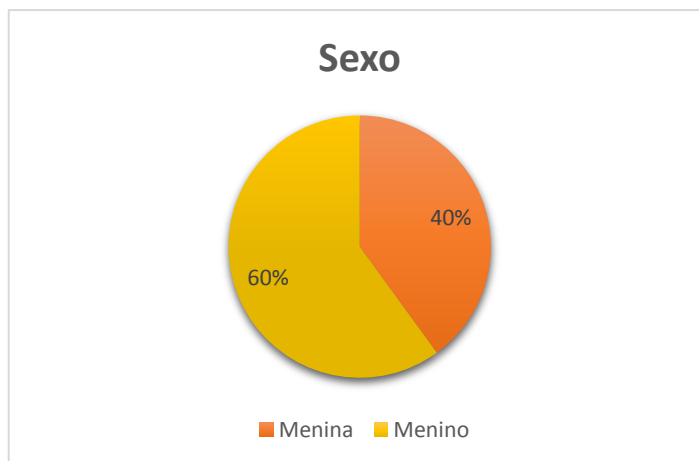
APÊNDICE XI – Resultados dos 1^{os} questionários às crianças

Resultados dos 1^{os} questionários dos/das alunos/as do 1º CEB

Idade dos/das alunos/as



Sexo



Questão	Resposta	Frequência de respostas	Crianças
1- De onde vêm os bebés?	<i>Da barriga das mulheres e forma-se uma pessoa.</i>	1	A10M
	<i>Da barriga da mãe.</i>	6	A8F A2M A3M A7F A6F A5M
	<i>Do sistema reprodutor da mulher.</i>	1	A4M
	<i>Não me recordo.</i>	1	A9F
	<i>Da barriga da mãe (sistema reprodutor)</i>	1	A1M
2- Como se faz um bebé?	<i>Faz-se com amor entre um homem e uma mulher.</i>	1	A9F
	<i>Não me lembro.</i>	2	A4M A6M
	<i>Não sei/ Não faço ideia.</i>	3	A2M A3M A7F
	<i>Não sei fazer.</i>	1	A10M
	<i>Quando os espermatozoides se juntam à vagina da mulher faz-se um novo ser.</i>	1	A1M
	<i>O pai e a mãe quando se beijam um bichinho que está dentro do homem vai para a barriga da mãe e forma-se o bebé.</i>	1	A8F
	<i>Faz-se com as células masculinas do homem, a primeira a chegar à célula feminina da mulher forma um bebé.</i>	1	A6F
3- Quanto tempo permanece um	<i>9 meses</i>	6	A8F A9F

bebé dentro da barriga da mãe?			A4M A1M A6F A5M
	<i>9 meses ou menos</i>	1	A10M
	<i>10 meses</i>	1	A2M
	<i>1 ano</i>	1	A3M
	<i>Não sei</i>	1	A7F
4- Como é que o bebé come e respira dentro da barriga da mãe?	<i>A partir do cordão umbilical.</i>	3	A8F A2M A1M
	<i>A mãe come e tem um tubo e vai para o bebé e respira nesse mesmo tudo.</i>	1	A10M
	<i>Não sei.</i>	3	A4M A7F A5M
	<i>Com um tubinho que lhe dá comida e respiração.</i>	1	A6F
	<i>Através do que ela come e respira através da barriga.</i>	1	A3M
	<i>Come o que a mãe come e respira o que a mãe respira.</i>	1	A9F
6- Como é que o bebé sai do corpo da mãe?	<i>Do bibi ou então da barriga</i>	1	A6F
	<i>Pela vagina ou pela barriga (os médicos têm de cortar a barriga da mãe)</i>	4	A2M A9F A4M A1M
	<i>Pela vagina mas à pessoas que tem que ser pela barriga, cortam-na e sai o bebé.</i>	1	A8F
	<i>Não faço ideia.</i>	2	A3M A7F
	<i>A mãe vai para o hospital e os médicos fazem um corte na barriga ou perto da vagina e tiram-no.</i>	1	A5M
	<i>Da barriga e da vagina de uma</i>	1	A10M

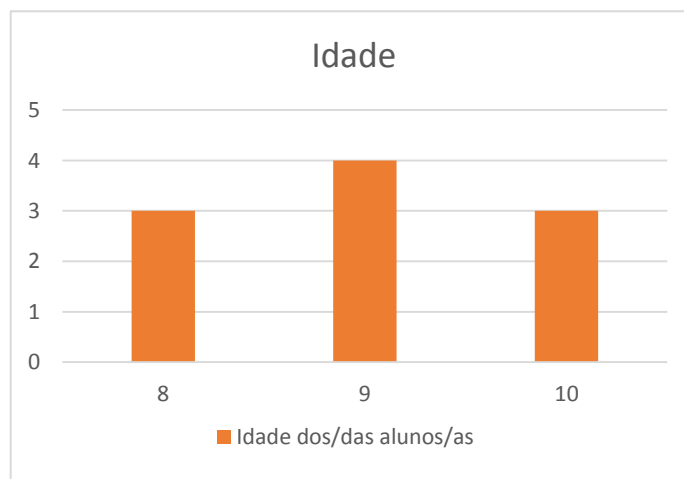
	<i>mulher.</i>		
7- A tua mãe ou o teu pai já alguma vez conversaram contigo sobre este tema?	<i>Sim</i>	2	A2M A6F
	<i>Sim, quando o bebé nascia quanto tempo permaneceu dentro da barriga e outras coisas.</i>	1	A8F
	<i>Não</i>	6	A4M A3M A7F A10M A5M A9F
	<i>Não, mas eu sei muita coisa sobre este tema.</i>	1	A1M
8- Em alguma ocasião questionaste a tua mãe ou o teu pai sobre este assunto?	<i>Sim</i>	5	A1M A10M A7F A6F A5M
	<i>Não</i>	5	A8F A2M A9F A4M A3M
A) Se sim, quais eram as tuas dúvidas?	<i>Se as meninas da minha idade (9 anos) podiam namorar ou engravidar.</i>	1	A1M
	<i>Como se faz um bebé.</i>	1	A10M
	<i>Onde é que nasci.</i>	1	A5M
	<i>Porque é que os bebés estavam 9 meses na barriga da mãe e porque é que eles saíam do bibi.</i>	1	A6F
	UMA DAS CRIANÇAS QUE RESPONDEU SIM NA QUESTÃO 8 NÃO RESPONDEU A ESTA ALÍNEA.		
B) O teu pai ou a tua mãe esclareceram-te as dúvidas?	<i>Sim</i>	2	A6F A5M
	<i>Não</i>	3	A8F A1M A10M
C) Porquê?	<i>Disseram-me a resposta.</i>	1	A5M

	<i>Os meus pais não quiseram falar sobre isso.</i>	1	A7F
	<i>Estavam a fazer outras coisas.</i>	1	A10M
	<i>Porque dizem que as crianças não devem saber nada sobre este assunto.</i>	1	A1M
	<i>Porque eles também gostam de falar deste tema.</i>	1	A6F

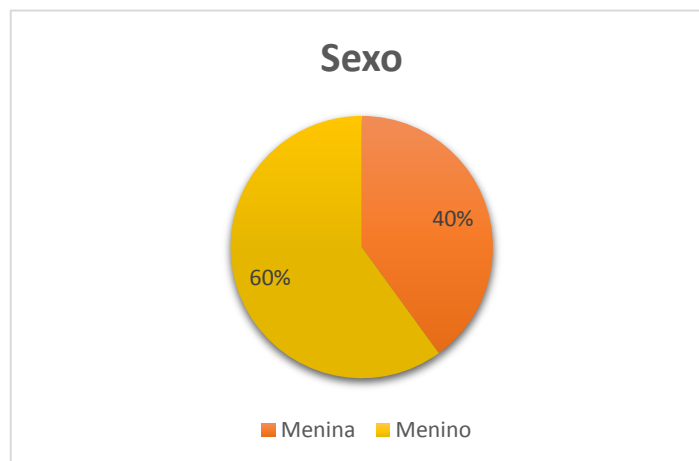
APÊNDICE XII – Resultados dos 2^{os} questionários das crianças

Resultados do 2º questionário aos/às alunos/as do 1º CEB

Idade dos/das alunos/as



Sexo



Questão	Resposta	Frequência de respostas	Crianças
4- De onde vêm os bebés?	<i>Os bebés vêm do útero da mulher (sistema reprodutor).</i>	2 (1 sem referência ao sistema reprodutor)	A1M A8F
	<i>Os bebés vêm do óvulo da mulher.</i>	2	A9F A6F
	<i>Os bebés vêm da barriga/ventre da mãe.</i>	3	A3M A7F A4M
	<i>Os bebés vêm ou da barriga ou da vulva.</i>	1	A2M
	<i>Os bebés vêm da vulva.</i>	1	A5M
	<i>Os bebés vêm de dentro da barriga e do óvulo.</i>	1	A19M
5- Como se faz um bebé?	<i>Um bebé faz-se dentro do óvulo da mulher e com o espermatozoide forma-se o bebé.</i>	1	A10M
	<i>Um bebé é constituído pelos espermatozoides do homem, que vão ter ao óvulo da mulher.</i>	1	A6F
	<i>Faz-se um bebé fazendo sexo.</i>	2	A5M A3M
	<i>Faz-se fazendo sexo o pénis do homem junta-se à vulva da mulher.</i>	2	A2M A4M
	<i>Um bebé faz-se a partir da célula sexual do homem que é os espermatozoides.</i>	1	A8F
	<i>Faz um bebé fazendo sexo faz-se na cama namorando.</i>	1	A7F
	<i>Um bebé faz-se com sexo, os espermatozoides do homem vão para o óvulo da mulher.</i>	1	A9F

	<i>Um bebé faz-se, quando o espermatozoide se encontra com a célula sexual feminina (óvulo).</i>	1	A1M
6- Quanto tempo permanece um bebé dentro da barriga da mãe?	<i>Um bebé permanece 9 ou 8 meses dentro da barriga da mãe.</i>	1	A10M
	<i>Um bebé dentro da barriga da mãe, permanece 9 meses.</i>	4	A6F A2M A9F A2M
	<i>Um bebé permanece na barriga da mãe 9 meses ou mais.</i>	1	A8F
	<i>Um bebé permanece na barriga da mãe 9 meses ou menos.</i>	1	A4M
	<i>Não sei.</i>	1	A7F
	<i>Um bebé permanece 12 meses na barriga da mãe.</i>	1	A3M
	<i>Um bebé permanece na barriga da mãe, 7 ou mais meses.</i>	1	A1M
4- Como é que o bebé come e respira dentro da barriga da mãe?	<i>O bebé come e respira a partir do cordão umbilical.</i>	8	A1M A2M A9F A4M A2M A6F A10M A8F
	<i>Através da vulva.</i>	1	A3M
	<i>Não sei.</i>	1	A7F
6- Como é que o bebé sai do corpo da mãe?	<i>Um bebé sai do corpo da mãe pela barriga e pela vagina.</i>	1	A10M
	<i>O bebé sai do corpo da mãe, a partir da vulva ou então pela barriguinha (cesariana).</i>	1	A6F
	<i>Sai ou pela vulva ou pela barriga.</i>	3	A5M A4M

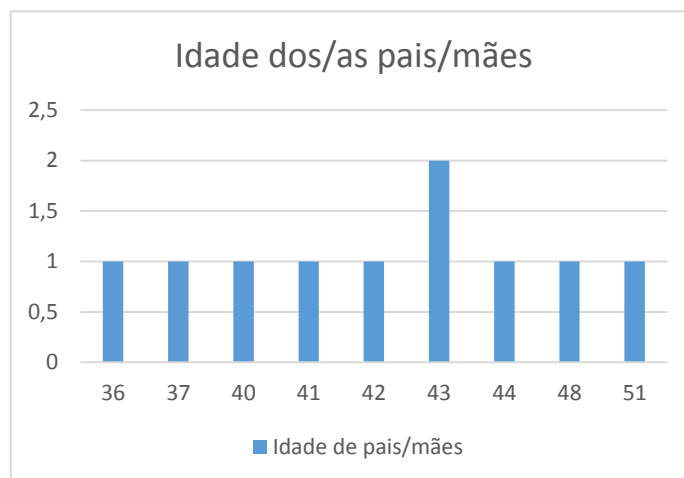
			A2M
	<i>O bebé pode sair por dois sítios pela vulva ou pela barriga e isso é o parto normal e o parto cesariana.</i>	1	A8F
	<i>O bebé sai do corpo da mãe através do cordão umbilical.</i>	1	A3M
	<i>O bebé sai do corpo da mãe pela vulva.</i>	1	A9F
	<i>O bebé sai do corpo da mãe com um corte na barriga ou com uma cesariana, no hospital ou no pediátrico.</i>	1	A1M
UMA MENINA QUE NÃO RESPONDEU A7F			
7- A tua mãe ou o teu pai já alguma vez conversaram contigo sobre este tema?	<i>Sim</i>	4	A6F A9F A1M A10M
	<i>Não</i>	5	A2M A8F A4M A5M A7F
	<i>Sim. A dizer como se faz um bebé.</i>	1	A3M
8- Em alguma ocasião questionaste a tua mãe ou o teu pai sobre este assunto?	<i>Sim</i>	7	A1M A9F A6F A10M A8F A4M A2M
	<i>Não</i>	3	A3M A5M A7F
D) Se sim, quais eram as tuas dúvidas?	<i>Se faz o corte na barriga ou na vagina.</i>	1	A10M
	<i>Se uma mulher podia ter filhos aos 50 anos. O que tomam para evitar ter filhos.</i>	1	A6F
	<i>As minhas dúvidas</i>	2	A2M

	<i>eram como se fazia um bebé.</i>		A1M
	<i>Se tinha saído por parto normal ou cesariana.</i>	1	A8F
	<i>A minha dúvida era por onde é que os bebés saiam.</i>	1	A9F
	<i>As minhas dúvidas eram qual o método contraceutivo que ela tomava.</i>	1	A4M
E) O teu pai ou a tua mãe esclareceram-te as dúvidas?	Sim	6	A5M A4M A8F A10M A6F A9F
	Não	4	A2M A3M A1M A7F
F) Porquê?	<i>Não me esclareceram as dúvidas porque não se sentiam à vontade, mas perguntei na escola e já percebo muito deste assunto.</i>	1	A1M
	<i>Porque eles às vezes não têm tempo.</i>	1	A3M
	<i>Porque eles não gostavam de falar sobre isso.</i>	1	A2M
	<i>Porque eu lhe pedi.</i>	2	A9F A6F
	<i>Porque ela sabia.</i>	1	A4M
	<i>Porque acham bem as crianças ou as meninas esclarecerem isso.</i>	1	A18F
	<i>Porque tenho que ter boas notas para passar de ano.</i>	1	A5M

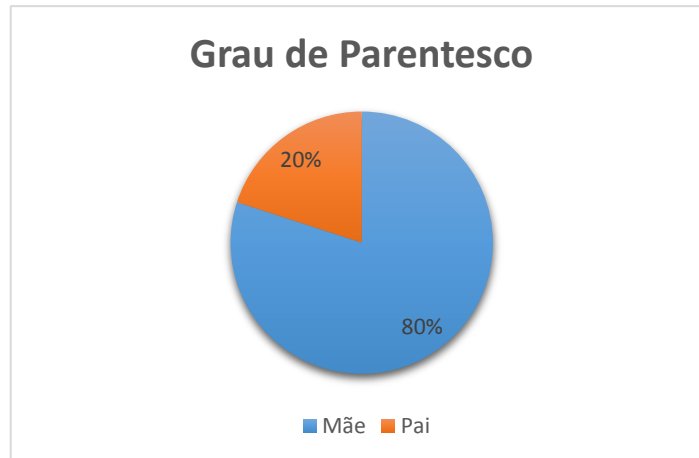
APÊNDICE XIII – Resultados dos 1^{os} questionários às famílias

Resultados dos 1^{os} questionários aos/às pais/mães do 1º CEB

Idade dos/das pais/mães



Grau de parentesco



Questão	Resposta	Frequência de respostas	Pais/Mães
1. Em alguma ocasião o/a seu/sua filho/a o/a questionou acerca da sexualidade?	Sim	1	M1
	Não	9	M8 M6 M5 M2 M4 P7 M10 M3 P8
1.1. Se sim, refira, por favor, o tipo de questão/dúvida que lhe foi colocada.	<i>Como aparecem os bebés?</i>	1	M1
1.2. Como respondeu à questão/dúvida? (Assinale, por favor, com um X ou preencha o espaço em branco).	Não respondi	1	M2
	Respondi abertamente	1 (<i>ocultando alguns pormenores</i>)	M1
	Desviei o assunto, dizendo que, quando crescer, irá saber mais	0	
	Remeti para o pai/mãe	0	
	Outra. Indique qual...	0	
1.3. Considera que respondeu de forma clara de modo a esclarecer a questão/dúvida do/da seu/sua filho/a?	Sim	1	M1
	Não	0	
2. Sente-se à vontade para abordar esta temática com o/a seu/sua filho/a?	Sim	9	M1 M9 M6 M5 P7 M2 M3 M4 P8
	Não	1	M10
Porquê?	<i>Porque domino o tema.</i>	1	M9
	<i>Os jovens têm de saber do assunto</i>	1	P7
	<i>Porque é um tema que</i>	1	M6

	<i>se deve abordar.</i>		
	<i>Porque existe esse à vontade para debater esses assuntos.</i>	1	M5
	<i>Porque vou a brincar abordando a temática.</i>	1	M3
	<i>Porque acho que se devem contar as coisas tal e qual como elas são e acontecem.</i>	1	M2
3. Qual a sua opinião acerca da abordagem sobre a sexualidade no 1º Ciclo do Ensino Básico?	<i>Eu penso que é uma ajuda aos pais, que em alguns momentos não sabem muito bem como abordar este assunto.</i>	1	M1
	<i>Acho bem porque os jovens têm de estar informados.</i>	1	P7
	<i>É bastante positiva pois permite que eles comecem a perceber mais sobre o tema.</i>	1	M3
	<i>São muito novos para se falar na escola deste assunto.</i>	1	M10
	<i>Não tenho nada contra.</i>	1	M5 M4
	<i>Parece-me bem até porque os “mitos” e os “segredos” já não são o que eram, o fácil acesso à informação/imagens está à distância de um “click” (internet).</i>	1	P8
	<i>Concordo que este tema seja abordado apenas no 4º ano porque é nessa altura que as crianças conseguem perceber melhor a questão da sexualidade.</i>	1	M2
	<i>Deve ser explicada às crianças de acordo com a sua maturidade.</i>	2	M9 M6

4. Perante os conhecimentos que possui acerca da sexualidade, o que considera ser importante que as crianças aprendam, tendo em conta a faixa etária que se encontram?	<i>Todo o processo de conceção.</i>	1	P8
	<i>Não</i>	1	M10
	<i>Acho que os jovens têm de ser informados.</i>	1	P7
	<i>Respeito pelo semelhante.</i>	1	M9
	<i>Considero que as crianças de acordo com a faixa etária em que se encontram, devem ter noção dos perigos que este tema desenvolve, bem como o respeito que deve existir um com o outro.</i>	1	M6
	<i>Tendo em conta a idade do meu educando acho que devem ser abordados temas mais simples, tais como a função reprodutora.</i>	1	M2
	<i>Infelizmente, é necessário cada vez mais cedo abordar este assunto para prevenir doenças e evitar gravidez indesejada. Apesar de considerar ainda um pouco cedo no caso do meu educando.</i>	1	M1
	<i>Sinceramente não sei o que é que eles devem saber nesta faixa etária.</i>	1	M3
	<i>A sexualidade nestas idades é não ter contato com estranhos de forma a evitar aliciamento de estranhos.</i>	2	M4 M5

Observação:

A maioria dos/as pais/mães respondeu não à questão 1., deste modo não necessitaram de responder às questões 1.1., 1.2., e 1.3. pois estão ambas interligadas.

Já na questão 2 apenas 6 pais/mães a justificaram.

APÊNDICE XIV – Resultados dos 2^{os} questionários às famíliasResultados dos 2^{os} questionários aos/às pais/mães de crianças do 1º CEB

Questão	Resposta	Frequência de respostas	Pais/Mães
1. Considera que a intervenção havidada durante o estágio teve impacto no interesse e motivação do seu/sua educando/a pela temática da Sexualidade e Reprodução Humana?	Sim	8	P7 M10 M3 M1 P8 M2 M6 M9
	Não	2	M4 M5
1.1.Porquê?	<i>Ficou com alguma noção e a falar mais sobre o assunto.</i>	2	M6 M3
	<i>Teve mais conhecimentos em relação a este tema para o futuro e para o crescimento.</i>	1	M10
	<i>Penso que ele passou a mostrar mais interesse pela temática.</i>	1	M1
	<i>Sim, senão tivesse abordado o tema, certamente não teria feito várias questões como por exemplo: a menstruação, o contraceptivo que uso e amamentação. Tive o cuidado de a esclarecer relativamente a esses temas, mas não voltou a fazer questões. Mais tarde, fez a questão principal e a que tem mais dúvidas como os bebés vão para a barriguinha!</i>	1	P8
	<i>Porque acho que é um tema que as crianças devem abordar desde cedo, pois existem muitas dúvidas nas cabeças deles que assim podem ser esclarecidas.</i>	1	M2

	<i>Passou a ver a temática de uma forma mais cuidada e atenta chamando a atenção dos pais para certas observações que via na TV e em outros meios de comunicação.</i>	1	M9
	<i>Não existiu qualquer conversa com os pais sobre o assunto.</i>	2	M5 M4
2. A partir do momento que o projeto começou a desenvolver-se na escola, notou alguma diferença no seu/sua educando/a, em casa, ao nível das conversas informais sobre a temática?	Sim	7	M2 M9 M6 P8 M1 M3 P7
	Não	3	M5 M4 M10
2.1.De que forma?	Passou a ser tema de conversa.	1	M1
	Maior número de questões/dúvidas sobre o tema.	5	M2 M9 P8 M6 P7
	Maior rigor na linguagem – Utilização correta de palavras e/ou termos científicos.	2	M9 M1
	Aumento do vocabulário a respeito do tema.	3	M2 M1 M3
	Outras.	0	
2.2.Caso tenha notado alguma diferença no seu/sua educando/a, relativamente à temática que estava a ser abordada, queira, por favor, dar exemplo(s).	<i>Perguntou-me só uma vez para que servia a pílula?</i>	1	M10
	<i>Se a mulher pode ter filhos aos 50 anos como evitar ter filhos.</i>	1	M6
	<i>Resposta ao ponto 1.1.</i>	1	M9

Observação: Houve 3 pais/mães que não responderam à questão 2.1 e 7 que não responderam à questão 2.

APÊNDICE XV – Planificação da 5ª e 6ª sessão

Plano de Aula **Gestação**

Número de alunos/as: 10

Ano de escolaridade: 3º e 4º

Propósitos da atividade

- Analisar o conteúdo do livro “*Como é que ele foi para aí dentro?*” de Ilan Brenman.
- Conhecer e compreender as fases de gestação.
- Saber em média quanto tempo permanece um bebé dentro da barriga da mãe.

Recursos materiais e/ou humanos

- Livro “*Como é que ele foi para aí dentro?*” de Ilan Brenman;
- Imagens das diferentes fases de gestação.

Espaços/Organização da turma

Esta atividade será realizada em sala de aula, em grande grupo, permitindo a participação de todas as crianças.

Descrição da atividade

A aula irá iniciar-se com a leitura, pela professora/investigadora, do livro “*Como é que ele foi para aí dentro?*” de Ilan Brenman, seguida de uma análise acerca da mensagem que pretende veicular. A partir das imagens do livro serão abordadas as fases de gestação de um bebé. A professora/investigadora irá solicitar, inicialmente, que ordenem as imagens e, em simultâneo, a partir de um diálogo com as crianças irá apresentando algumas informações, esclarecendo o tempo que, em média, um bebé permanece na barriga da mãe, de forma a ajudar o trabalho proposto. A fim de sistematizar as aprendizagens sobre a temática abordada, as crianças irão visualizar um vídeo <https://www.youtube.com/watch?v=mg9son8HQPc>, fazendo uma síntese das fases de gestação.

Plano de Aula

Parto

Número de alunos/as: 10

Ano de escolaridade: 3º e 4º

Propósitos da atividade

- Conhecer as diferentes fases do parto: contração, dilatação e expulsão.
- Distinguir os diferentes tipos de parto e as suas características: normal, fórceps e por cesariana.

Recursos materiais e/ou humanos

- Imagens das distintas fases do parto.

Espaços/Organização da turma

Esta atividade será realizada em sala de aula, contudo haverá também recolha de informação em casa.

Descrição da atividade

Após a aprendizagem do processo de fecundação e das fases de gestação, surge o momento do parto. Esta abordagem irá começar com a apresentação de algumas imagens, em formato digital, sobre as diferentes fases do parto: contração, dilatação e expulsão, acompanhada de uma breve informação acerca de cada um dos conceitos. Em aulas anteriores será solicitado às crianças o registo no caderno, de algumas questões feitas aos/às pais/mães, relativas ao tipo de parto aquando do seu nascimento. Nesta aula, serão também partilhadas essas informações fornecidas em casa e, com ajuda da professora/investigadora irá surgir um diálogo na sala sobre os diferentes tipos de parto: normal, fórceps e por cesariana.
